

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
ESCOLA DE HUMANIDADES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

FERNANDA SILVA DE SOUZA

**A CONSTRUÇÃO DAS POSIÇÕES ENUNCIATIVAS À LUZ DE RELAÇÕES  
DIALÓGICAS E ALTERITÁRIAS NA SÉRIE TELEVISIVA *SESSÃO DE  
TERAPIA*: UMA ANÁLISE BAKHTINIANA**

PORTO ALEGRE  
2023

PÓS-GRADUAÇÃO - STRICTO SENSU



Pontifícia Universidade Católica  
do Rio Grande do Sul

FERNANDA SILVA DE SOUZA

**A CONSTRUÇÃO DAS POSIÇÕES ENUNCIATIVAS À LUZ DE RELAÇÕES  
DIALÓGICAS E ALTERITÁRIAS NA SÉRIE TELEVISIVA *SESSÃO DE  
TERAPIA*: UMA ANÁLISE BAKHTINIANA**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

Área de concentração: Linguística – Teorias e Uso da Linguagem.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Maria da Glória Corrêa di Fanti.

PORTO ALEGRE  
2023

FERNANDA SILVA DE SOUZA

**A CONSTRUÇÃO DAS POSIÇÕES ENUNCIATIVAS À LUZ DE RELAÇÕES  
DIALÓGICAS E ALTERITÁRIAS NA SÉRIE TELEVISIVA *SESSÃO DE  
TERAPIA*: UMA ANÁLISE BAKHTINIANA**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

Área de concentração: Linguística – Teorias e Uso da Linguagem.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Maria da Glória Corrêa di Fanti.

Aprovada em \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2023.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Dra. Maria da Glória Corrêa di Fanti – PPGL/PUCRS  
(Orientadora)

---

Dra. Veronice Camargo da Silva – PPGED/UERGS

---

Dra. Claudio Primo Delanoy – PPGL/PUCRS

PORTO ALEGRE  
2023

*Ser significa ser para o outro e, através dele, para si. O homem não tem um território interior soberano, está todo e sempre na fronteira, olhando para dentro de si ele olha o outro nos olhos ou com os olhos do outro.*

*Mikhail Bakhtin*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, em primeiro lugar, por permitir esta realização profissional e pessoal. Por sua proteção divina em todos os momentos da minha existência.

Aos meus pais, João (*in memoriam*) e Vera, pelo apoio, pelo amor e por sempre me incentivarem a me desenvolver como pessoa e profissional. Saibam que vocês sempre foram um exemplo de determinação e coragem com que sempre enfrentaram os desafios da vida.

Ao meu marido, Davi Goldenberg, pessoa com quem amo partilhar a vida. Obrigada por toda força, compreensão, carinho, paciência e por ter o dom de me trazer a paz na correria do dia a dia ao qual me dedico ao trabalho e ao estudo. Você sempre acreditou que eu seria capaz de realizar este sonho.

Ao meu carinhoso e amado filho, Guilherme, pelo apoio, pelas conversas sempre tão especiais e pelo esforço em tentar entender sobre o que trata o Círculo de Bakhtin. Espero que eu sempre tenha sido um bom exemplo para você de que não devemos desistir dos nossos sonhos.

A minha orientadora, professora Dr<sup>a</sup> Maria da Glória Corrêa di Fanti, por sua sensibilidade e paciência durante meu amadurecimento teórico. Gratidão também pela acolhida, confiança e empatia ao longo do percurso trilhado. Sempre vou me lembrar o quanto foste afetuosa em cada conversa que tivemos.

Aos professores, que compõem a minha banca de qualificação, professora Dr<sup>a</sup> Veronice Camargo da Silva e Dr. Claudio Primo Delanoy, agradeço imensamente as contribuições e o carinho com que analisaram meu projeto de pesquisa. Suas considerações foram muito importantes e significativas para meu crescimento como pesquisadora.

Ao Eduardo Moll, doutorando em Letras pelo PPGL da PUCRS, por ser tão afetuoso em me acalmar com suas palavras positivas e pela generosidade em ler meu trabalho e me ajudar nas minhas dúvidas.

Aos amigos que pude reencontrar durante esta etapa acadêmica e às novas amizades, com as quais compartilhei momentos especiais e desafiadores durante os dois anos de mestrado.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS, por todos os ensinamentos e pela contribuição no meu processo de aprendizagem. Muita gratidão a todos vocês.

E a CAPES, pela oportunidade de receber a bolsa de estudos para que eu pudesse cursar o mestrado. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

## RESUMO

Esta pesquisa apresenta uma investigação sobre a construção das posições enunciativas na interação paciente e terapeuta na série televisiva *Sessão de Terapia*, observando relações dialógicas e alteritárias no desenvolvimento dos encontros terapêuticos. Em relação à base teórica, buscamos respaldo na perspectiva dialógica da linguagem, desenvolvida pelo Círculo de Bakhtin/Volóchinov/Medviédev por articular aspectos linguísticos em contextos sociais, possibilitando verificar as posições enunciativas, a construção das relações dialógicas e alteritárias e o lugar determinante da produção de sentidos no discurso sobre a vida em sociedade. Nesse contexto bakhtiniano, desenvolvemos, dentre outros, os seguintes conceitos que subsidiam a investigação: signo ideológico, valoração, heterodiscurso, enunciado concreto, compreensão responsiva, gêneros do discurso, sujeito, relações dialógicas e alteritárias e arquitetônica valorativa. Esta pesquisa parte da seguinte questão norteadora: como se constroem as posições enunciativas na interação paciente e terapeuta na série televisiva *Sessão de Terapia*, observando relações dialógicas e alteritárias nos possíveis caminhos de cura? O objetivo geral, em articulação com a pergunta de pesquisa, é investigar a construção das posições enunciativas na interação paciente e terapeuta na série televisiva *Sessão de Terapia*, observando relações dialógicas e alteritárias nos possíveis caminhos de cura. Os objetivos específicos, por sua vez, voltam-se para (i) verificar como se instauram e se ressignificam as posições enunciativas nas interações terapêuticas, tendo em vista a diversidade de diálogos de vozes que atravessam o discurso nas sessões de terapia; e (ii) analisar as relações de alteridade nas interações paciente e terapeuta nos episódios selecionados da série *Sessão de Terapia*, observando a projeção dos lugares ocupados na vida familiar e social pela paciente. No que diz respeito aos procedimentos metodológicos, considerando ser uma pesquisa do tipo exploratória, com abordagem qualitativa, escolhemos como material de análise a quinta temporada da série *Sessão de Terapia*, e optamos em fazer uma análise dialógica dos episódios da personagem-paciente Giovana em interação com o terapeuta Caio. Tal escolha se deu porque a personagem-paciente apresenta nos enunciados proferidos aspectos que, associados à perspectiva teórica adotada, instauram a complexidade da relação eu e outro, como marcas da alteridade constitutiva da subjetividade; incidência da palavra do outro como recurso da construção do discurso da paciente; dinamicidade de valores na arquitetônica da sessão: Giovana-para-Caio, Giovana-para-si e Caio-para-Giovana. A análise segue a orientação metodológica proposta por Volóchinov (2018, p. 220) que pressupõe a inter-relação entre esfera de atividade, gênero do discurso e enunciado. Dadas as discussões teóricas e as análises realizadas nesta pesquisa, esperamos colaborar com o entendimento de como acontecem as interações terapêuticas na série *Sessão de Terapia*, tendo em vista os diversos embates de vozes que constroem as posições enunciativas e que constituem possíveis caminhos de cura nas sessões focalizadas.

**Palavras-chave:** Posições Enunciativas; Arquitetônica; Relações dialógicas e alteritárias; Série televisiva *Sessão de Terapia*.

## ABSTRACT

This research presents an investigation into the construction of enunciative positions in the patient-therapist interaction in the television series *Session of Therapy*, observing dialogical and alteritarian relationships in the development of therapeutic encounters. Regarding the theoretical basis, we seek support in the dialogical perspective of language, developed by the Bakhtin/Volóchinov/Medviédev Circle for articulating linguistic aspects in social contexts, making it possible to verify the enunciative positions, the construction of dialogical and alteritarian relationships and the determining place of production of meanings in the discourse about life in society. In this Bakhtinian context, we developed, among others, the following concepts that subsidize the investigation: ideological sign, valuation, heterodiscourse, concrete utterance, responsive understanding, discourse genres, subject, dialogical and alteritarian relations and evaluative architecture. This research is based on the following guiding question: how are the enunciative positions constructed in the patient-therapist interaction in the television series *Sessão de Terapia*, observing dialogic and alteritarian relationships in possible healing paths? The general objective, in conjunction with the research question, is to investigate the construction of enunciative positions in the patient-therapist interaction in the television series *Session of Therapy*, observing dialogical and alteritarian relationships in possible healing paths. The specific objectives, in turn, focus on (i) verifying how the enunciative positions are established and resignified in therapeutic interactions, in view of the diversity of dialogues of voices that cross the discourse in therapy sessions; and (ii) to analyze the relationships of otherness in patient and therapist interactions in selected episodes of the *Session Therapy* series, observing the projection of the places occupied by the patient in her family and social life. With regard to methodological procedures, considering it to be an exploratory research, with a qualitative approach, we chose the fifth season of the series *Session Therapy* as analysis material, and we chose to carry out a dialogical analysis of the episodes of the patient-character Giovana in interaction with the therapist Caio. This choice was made because the patient-character presents, in utterances, aspects that, associated with the theoretical perspective adopted, establish the complexity of the I-other relationship, as marks of the constitutive alterity of subjectivity; incidence of the other's word as a resource for the construction of the patient's speech; dynamism of values in the architecture of the session: Giovana-for-Caio, Giovana-for-si and Caio-for-Giovana. The analysis follows the methodological orientation proposed by Voloshinov (2018, p. 220) which assumes the interrelation between sphere of activity, discourse genre and utterance. Given the theoretical discussions and analyzes carried out in this research, we hope to collaborate with the understanding of how therapeutic interactions occur in the *Session Therapy* series, in view of the different clashes of voices that build the enunciative positions and that constitute possible healing paths in the sessions focused.

**Keywords:** Enunciative Positions; Architectural; Dialogical and alteritarian relationships; Television series *Session Therapy*.



## SUMÁRIO

<b>UM DISCURSO INTRODUTÓRIO.....</b>	<b>08</b>
<b>1 PERCURSO TEÓRICO: VOZES BAKHTINIANAS.....</b>	<b>14</b>
1.1 SIGNO IDEOLÓGICO, VALORAÇÃO E HETERODISCURSO.....	14
1.2 ENUNCIADO CONCRETO, COMPREENSÃO RESPONSIVA E GÊNEROS DO DISCURSO.....	19
1.3 SUJEITO, RELAÇÕES DIALÓGICAS E RELAÇÕES ALTERITÁRIAS NA ARQUITETÔNICA VALORATIVA.....	25
<b>2 CONTEXTUALIZAÇÃO E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>32</b>
<b>3 A CONSTRUÇÃO DAS POSIÇÕES ENUNCIATIVAS À LUZ DE RELAÇÕES DIALÓGICAS E ALTERITÁRIAS NA SÉRIE TELEVISIVA <i>SESSÃO DE TERAPIA</i>.....</b>	<b>41</b>
3.1 VOZES QUE DISCRIMINAM.....	42
3.2 VOZES QUE REVERBERAM A COMPULSÃO ALIMENTAR.....	47
3.3 VOZES QUE REPRODUZEM ESTEREÓTIPOS.....	52
3.4 DISCUSSÃO DIALÓGICA SOBRE AS ANÁLISES DAS SESSÕES DE TERAPIA.....	55
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>60</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>64</b>
<b>ANEXO .....</b>	<b>68</b>

## UM DISCURSO INTRODUTÓRIO

*Ser significa comunicar-se pelo diálogo. Quando termina o diálogo, tudo termina. Daí o diálogo, em essência, não poder nem dever terminar.*

*(Mikhail Bakhtin)*

Atualmente, as pessoas vivem uma rotina conturbada, com muitas pressões por todos os lados, além da correria do dia a dia e da autocobrança, as quais podem gerar um sentimento de desconforto. Torna-se necessária a busca por informações sobre como tratar alguns sentimentos, tais como: as angústias, os medos, a culpa ou quaisquer outras sensações subjetivamente desconfortáveis ou penosas. Para que isso aconteça, é natural que busquemos ajuda em outras pessoas.

De fato, não é fácil falar sobre os nossos sentimentos. Às vezes, nem nós mesmos sabemos explicar, com desenvoltura, o que estamos sentindo. Todavia, partilhar nosso mundo interior/discurso interior com os outros pode ajudar-nos a compreender melhor os nossos sentimentos e a sentirmo-nos melhor. Ou seja, depois de identificarmos os nossos sentimentos e as nossas emoções, devemos aceitá-los e tentar compreendê-los. Podemos pensar sobre eles e tentar perceber por que nos sentimos de determinada forma. Para melhor identificarmos isso, há a necessidade da ajuda de um profissional.

Entretanto, a solução para nossos conflitos psíquicos não pode ser encontrada na vivência individual, como defende Volóchinov (2017)<sup>1</sup> em *O freudismo* (1917). Lidando, diretamente, com o fenômeno freudiano, o autor preconiza, quanto à terapêutica psicanalítica, a *socialização* das queixas internas ao analista em material enunciativo, em detrimento de supostas formulações obscuras do inconsciente. Com efeito, “todas as manifestações e conflitos psíquicos, que a psicanálise traz ao nosso conhecimento, são *inter-relações entre as respostas verbalizadas e não-verbalizadas do [sujeito]*” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 20, grifos do autor).

---

<sup>1</sup> Na edição brasileira de *O freudismo*, traduzida por Paulo Bezerra, a autoria da obra é aferida a Mikhail Bakhtin. Entretanto, investigações documentais, como a de Grillo e Americo (2019), trazem aos pesquisadores brasileiros evidências de que a referida obra estava no plano de trabalho de Valentin Volóchinov, durante sua formação acadêmica no ILIAZV. Nessa perspectiva, embora utilizemos a tradução de Bezerra nesta dissertação, consideraremos Volóchinov como autor de *O freudismo*, nome que será referendado e citado neste trabalho.

Nesse sentido, além de procurar ajuda com pessoas próximas, também é recorrente – e, muitas vezes, imperativo – que contemos com auxílio de um profissional: o terapeuta. Por um lado, o próprio contato com o(s) outro(s) cumpre papel fundamental na socialização do psiquismo, do nosso mundo interior; por outro, a interação com um profissional da saúde mental – em especial, analistas ou terapeutas – propicia, pela técnica da atividade terapêutica, experiências de acolhimento, escuta e resposta distintas daquelas que operam na esfera cotidiana. Com efeito, avançando na argumentação de Volóchinov (2017), as possibilidades para a expressão verbalizada do psiquismo parecem se especializar em uma sessão de terapia, algo sobre o qual é pertinente debruçarmo-nos.

Porém, quantos de nós já paramos para questionar de que maneira acontecem as interações em uma sessão de terapia, ou qual nosso nível de preparo para todas as questões que são tratadas nos atendimentos? Talvez, para pensarmos sobre esse assunto, devemos analisar a interação discursiva manifestada nos enunciados proferidos em uma sessão de terapia, na qual os diálogos, sempre tão cheios de sentidos e de valores – alegres ou doloridos – são constitutivos dos lugares sociais ocupados por pacientes e terapeutas, na e pela linguagem.

No cenário cultural brasileiro, observa-se uma alta ressonância de vozes que apoiam o questionamento acima apresentado, até porque o discurso é sempre situado em um centro valorativo singular em relação a outro(s) centro(s); a situação que vivemos é sempre social. Isso pode ser visto no número crescente de contas profissionais de “psis”, como, por exemplo, no *Instagram* – uma das maiores plataformas de mídias sociais do mundo –, especialmente durante o período de pico da pandemia da COVID-19 que, no Brasil, teve início no final do mês de fevereiro de 2020 –, ou nos discursos ficcionais que povoam seriados de televisão, como *In Treatment*. Esse seriado conta a história de um psicoterapeuta, o doutor Paul Weston, mostrando suas sessões semanais com seus pacientes. Enquanto trata dos problemas de seus pacientes, Weston vê sua vida pessoal virar um desastre, cheio de dúvidas e raiva. Para lidar com isso, ele busca a ajuda de um amigo terapeuta. *In Treatment* foi adaptada para a versão brasileira, na série nomeada *Sessão de Terapia*.

Para o estudo realizado nesta pesquisa, escolhemos a série ficcional *Sessão de Terapia*, que trata da relação entre paciente e terapeuta por meio de vários temas debatidos em cada episódio, como maternidade, obesidade, desigualdade social e o trauma da pandemia, dentre outros. Em cada sessão, o terapeuta auxilia o paciente na busca por respostas às questões individuais e sociais relatadas, fazendo-o entender o porquê do

surgimento de certos pensamentos e atitudes. Entendemos que a interação discursiva materializada na série *Sessão de Terapia* apresenta-se como um produtivo *corpus* de estudo, visto afigurar/representar, cenograficamente, uma partilha discursiva entre os interlocutores durante as sessões.

No sentido de caracterizar e contextualizar a série mencionada, trazemos um breve histórico do seriado. *Sessão de Terapia* é uma série da televisão brasileira produzida e exibida originalmente pelo GNT entre 1 de outubro de 2012 e 19 de setembro de 2014, em 115 episódios divididos em três temporadas. Após cinco anos, a quarta temporada retornou pelo *streaming* da Globoplay, em 30 de agosto de 2019. A quinta temporada estreou em 04 de junho de 2021. É uma versão da série israelense *BeTipul*, criada em 2005 pelo psicanalista Hagai Levi. Esta, por sua vez, gerou a versão estadunidense intitulada *In Treatment*, a mais conhecida internacionalmente. A série *Sessão de Terapia* foi adaptada por Jaqueline Vargas, com roteiros de Cadu Machado, Ana Luiza Savassi, Luh Maza, Ricardo Inhan, Marília Toledo e Emilio Boechat, sob direção de Selton Mello. Conta com Zé Carlos Machado e Selma Egrei nos papéis principais nas três primeiras temporadas, e Selton Mello e Morena Baccarin, a partir da quarta e quinta temporadas.

Por mais que a série apresente, em todos seus capítulos, alguns assuntos importantes para serem discutidos, seria impossível fazer a análise de todas as temporadas e episódios, tendo em vista os propósitos desta investigação, o limite de tempo para o desenvolvimento da dissertação e o referencial teórico bakhtiniano que prima pelo olhar detalhado sobre o objeto de análise. Tivemos, portanto, de fazer um recorte para a definição do objeto de estudo. Escolhemos, especificamente, a quinta temporada, e optamos em fazer uma análise dos episódios da personagem-paciente Giovana, em interação com o terapeuta Caio. Tal escolha se deu porque a personagem apresenta nos enunciados proferidos aspectos que, associados à perspectiva teórica adotada, instauram a complexidade da relação eu e outro, como marcas da alteridade constitutiva da subjetividade; incidência da palavra do outro como recurso da construção do discurso da paciente; dinamicidade de valores na arquitetura da sessão: Giovana-para-Caio, Giovana-para-si e Caio-para-Giovana.

Sobre a quinta temporada, faz-se necessário apresentar seu contexto. Nela, o terapeuta Caio (Selton Mello) atende: às segundas, Manu (Letícia Colin), uma estilista que sofre de depressão pós-parto; às terças, Tony (Christian Malheiros), um motoboy com muitas nuances e conflitos; às quartas, Giovana (Luana Xavier), mulher que luta contra a obesidade e a compulsão alimentar; às quintas, Lídia (Miwa Yanagizawa), uma

enfermeira que busca ajuda após ter trabalhado na linha de frente do combate à COVID-19. Às sextas, Caio vai ao consultório do Dr. Davi Greco (Rodrigo Santoro) para realizar a sua *supervisão*. A personagem escolhida para o desenvolvimento desta pesquisa, como já destacamos, é a paciente Giovana (Luana Xavier), que enfrenta a obesidade e a compulsão alimentar.

Diante dessa rápida contextualização, apresentamos, a seguir, a questão norteadora da investigação, o objetivo geral e os objetivos específicos a serem desenvolvidos na pesquisa. Este trabalho resulta da investigação de enunciados proferidos nas sessões de terapia ficcionalizadas na série *Sessão de Terapia*. Assim, ao problematizarmos as práticas discursivas que acontecem durante a terapia, surge a seguinte questão norteadora: como se constroem as posições enunciativas na interação paciente e terapeuta representadas em episódios selecionados da quinta temporada da série televisiva *Sessão de Terapia*, tendo em vista as relações dialógicas e alteritárias enunciativamente materializadas nos possíveis caminhos de cura?<sup>2</sup>

Para direcionar a discussão, propomos como objetivo geral, em articulação com a questão norteadora da pesquisa, investigar a construção das posições enunciativas na interação paciente e terapeuta representadas em episódios selecionados da quinta temporada da série televisiva *Sessão de Terapia*, tendo em vista as relações dialógicas e alteritárias enunciativamente materializadas nos possíveis caminhos de cura. A fim de responder à questão proposta e conduzirmos a escrita para esmiuçar o objetivo geral, temos os seguintes objetivos específicos: a) verificar como se instauram e se ressignificam as posições enunciativas nas interações terapêuticas, tendo em vista a diversidade de diálogos de vozes que atravessam o discurso nas sessões de terapia; e b) analisar as relações de alteridade nas interações paciente e terapeuta nos episódios selecionados da série *Sessão de Terapia*, observando a projeção dos lugares ocupados pela paciente na vida familiar e social pela paciente.

Em relação à base teórica desta investigação, buscamos respaldo nas perspectivas do Círculo de Bakhtin/Volóchinov/Medviédev<sup>3</sup> por parecer-nos o mais adequado aos

---

<sup>2</sup> Entendemos que, nas interações discursivas das sessões de terapia, ocorrem relações dialógicas e alteritárias dinâmicas que incidem em um possível caminho de cura pela perspectiva da transformação subjetiva (intersubjetiva). Não tratamos da cura terapêutica, própria das ciências que tratam da psique, mas sim de uma possível cura como (re) conhecimento de si no mundo, no e pelo discurso, abordada via relação eu e outro.

<sup>3</sup> O Círculo de Bakhtin é formado por um conjunto de pensadores de diferentes áreas (filosofia, música, biologia, literatura etc.) que se reuniam na Rússia entre 1919 e 1929 (FARACO, 2009). Para esta pesquisa, consideramos também do Círculo as produções que extrapolam o período do encontro do grupo, uma vez que há uma afinidade entre as reflexões de Bakhtin, Volóchinov e Medviédev no que tange aos pressupostos dialógicos da linguagem.

nossos propósitos, permitindo abordar, de forma articulada, aspectos linguísticos em contextos sociais, possibilitando verificar as posições enunciativas, as relações dialógicas e alteritárias e o lugar determinante da produção de sentidos no discurso sobre a vida em sociedade. Assim, baseamo-nos nos estudos do Círculo de Bakhtin, especialmente no que se refere às seguintes reflexões: signo ideológico, valoração, heterodiscurso, enunciado concreto, compreensão responsiva, gêneros do discurso, sujeito, relações dialógicas e alteritárias e arquitetônica valorativa concreta. Para a constituição das orientações da teoria, buscamos respaldo nos preceitos teórico-metodológicos de Bakhtin e do Círculo, em especial nas seguintes obras: *Problemas da poética de Dostoiévski* (BAKHTIN, 2018), *Os gêneros do discurso* (BAKHTIN, 2016), *A palavra na vida e a palavra na poesia* (VOLÓCHINOV, 2019), *O Freudismo* (VOLÓCHINOV, 2017), *O discurso no romance* (BAKHTIN, 2017) e *Marxismo e filosofia da linguagem* (VOLÓCHINOV, 2018), bem como em textos de apoio produzidos por reconhecidos leitores da teoria.

No que diz respeito à metodologia, nossa pesquisa é do tipo exploratória, com uma abordagem qualitativa. Com a contribuição da teoria bakhtiniana, buscamos observar aspectos relativos à constituição dialógica dos discursos, de forma a explorar dimensões inter-relacionais que daí surgem, justificando, assim, seu caráter exploratório afinado aos propósitos da pesquisa. Com relação à abordagem de cunho qualitativo, selecionamos para investigação a quinta temporada, protagonizada pela personagem Giovana, uma mulher que enfrenta a obesidade e a compulsão alimentar. A escolha dessa temporada se deve ao fato de a considerarmos representativa e significativa em relação a toda série. A análise segue a orientação metodológica proposta por Volóchinov (2018, p. 220), que pressupõe a inter-relação entre esfera de atividade, gênero do discurso e enunciado.

Esta pesquisa está associada a um projeto maior, *Alteridade, dialogismo e dialética: a constitutiva e tensa relação com o outro* (DI FANTI, 2019), o qual, amparado nos pressupostos do Círculo de Bakhtin, Volóchinov e Medviédev, focaliza o estudo da alteridade, do dialogismo e da dialética, visando observar como esses conceitos aparecem na obra do Círculo e como auxiliam na análise e compreensão de diferentes funcionamentos discursivos no que se refere à constitutiva e tensa relação com o outro. Também integra o *Grupo GenTe – Tessitura: Vozes em (Dis)curso* (CNPq), que, pressupondo ser o discurso tecido por uma diversidade de vozes, cuja interação revela variados processos de subjetivação e de produção de sentidos, se dedica à análise de práticas discursivas de diferentes esferas de atividade. Tanto o projeto quanto o Grupo

citados são coordenados pela professora Maria da Glória Corrêa di Fanti, orientadora desta pesquisa.

Este trabalho é composto por três capítulos, e seguido das *Considerações Finais*. No capítulo primeiro, intitulado *Percurso teórico: vozes bakhtinianas*, discorreremos sobre os principais conceitos que subsidiam a investigação, quais sejam: signo ideológico, valoração, heterodiscurso, enunciado concreto, compreensão responsiva, gêneros do discurso, sujeito, relações dialógicas e relações alteritárias e arquitetura valorativa concreta. Já no capítulo segundo, *Contextualização e procedimentos metodológicos*, apresentamos características do gênero discursivo “série televisiva” e da série *Sessão de Terapia*, para, em seguida, discorrermos sobre procedimentos de coleta e escolha do material para a análise. O capítulo terceiro, intitulado *A construção das posições enunciativas à luz de relações dialógicas e alteritárias na série televisiva Sessão de Terapia*, apresenta a análise dos enunciados dos episódios da série protagonizados pela personagem-paciente Giovana, via transcrições das falas dos personagens Giovana (paciente) e Caio (terapeuta). Nesse capítulo analítico, respondemos à questão norteadora e aos objetivos da investigação. Por último, nas *Considerações finais*, apresentamos reflexões, advindas do conjunto da pesquisa, que possam colaborar com o entendimento de como acontecem as interações terapêuticas na série *Sessão de Terapia*, tendo em vista os diversos embates de vozes que constroem as posições enunciativas e que constituem possíveis caminhos de cura nas sessões focalizadas.

## 1 PERCURSO TEÓRICO: VOZES BAKHTINIANAS

Neste capítulo, abordaremos o estudo fundamentado da teoria dialógica do discurso do Círculo de Bakhtin, que serve como alicerce para esta pesquisa. O Círculo de Bakhtin é formado por um conjunto de pensadores de diferentes áreas (filosofia, música, biologia, literatura etc.) que se reuniam na Rússia entre 1919 e 1929 (FARACO, 2009). Desse grupo, nos interessam três pensadores – Mikhail Bakhtin, Valentin Volóchinov e Pável Medviédev –, por terem construído um conjunto de reflexões teórico-metodológicas voltadas para uma perspectiva dialógica da linguagem.

O capítulo está disposto em três seções. Apresentamos, na primeira (1.1) as definições do Círculo de Bakhtin sobre signo ideológico, valoração e heterodiscurso; na segunda seção (1.2), enunciado concreto, compreensão responsiva e gêneros do discurso; já na terceira seção (1.3), discorreremos sobre o sujeito, as relações dialógicas e as relações alteritárias na arquitetura valorativa concreta do ato ético, responsivo e responsável (BAKHTIN, 2017).

### 1.1 SIGNO IDEOLÓGICO, VALORAÇÃO E HETERODISCURSO

A linguagem para o Círculo de Bakhtin é de caráter social, uma vez que diz respeito a uma atividade que, realizada sob diferentes formas, como palavras, gestos, sons e signos ideológicos, concretiza-se nas interações sociais. Nessa acepção, a linguagem é instituída pela relação com o outro, pois se realiza como prática socialmente desenvolvida. Constituída heterogeneamente, a linguagem é dinâmica e social; por isso, não pode ser considerada como um ato individual de um sujeito falante. A diversidade concreta dos usos varia em épocas, regiões e situações de interlocução, considerando o uso concreto e a interação discursiva nele inscrita como centro da produção de sentidos.

A linguagem não é, nunca foi e nem será um “produto acabado”, transmitido de geração em geração, mas deve ser vista como um processo sempre em construção, transformação: acreditar que a língua é um produto acabado tal qual um objeto, passível de ser repassada como uma herança, é tratá-la como “morta” e “estrangeira”, distante do fluxo da comunicação verbal, não como “viva”. Para Volóchinov (2018, p. 188), a língua materna “é ‘de casa’, ela é percebida como uma roupa habitual ou, melhor ainda, como



aquela atmosfera costumeira na qual vivemos e respiramos”. A língua acompanha o fluxo da comunicação verbal, durando e perdurando como um processo evolutivo contínuo. “Os indivíduos não recebem a língua pronta para ser usada; eles penetram na corrente da comunicação verbal” (VOLÓCHINOV, 2018 p. 108).

Dessa forma, os estudos de Bakhtin e seu Círculo, ao pensarem o caráter social da linguagem, proporcionaram recursos para a sua compreensão em diferentes práticas humanas. Os estudos bakhtinianos referentes à linguagem percebem que é na interação verbal que se tem a realidade da língua. Assim, é possível depreender que são as relações dialógicas e ideológicas entre os interlocutores que dão sentidos às palavras enunciadas, conferindo-lhes novas acentuações, plenas de escolhas individuais. Ressaltamos, entretanto, que tais escolhas individuais são balizadas pelo selo social, pelo horizonte ideológico mais amplo de uma coletividade. Como defende Volóchinov (2018, p. 129), o sujeito “como proprietário dos conteúdos da sua consciência, como autor das suas ideias, como uma personalidade responsável por suas ideias e desejos, é um fenômeno puramente socioideológico”. Por isso, desde um viés dialógico, o enunciado individual é pleno de relações com outros dizeres, com outros pontos de vista, os quais constituem a dialogicidade do sujeito e da linguagem.

A perspectiva dialógica, portanto, concebe o social e seus embates como aspecto inalienável do signo ideológico. Com relação ao signo, o círculo de Bakhtin, diferentemente da perspectiva de Saussure, o vê como um elemento de natureza ideológica: “tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo, [...], tudo que é ideológico é signo. Sem signos não existe ideologia” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 31); assim, é pertinente observar que o signo é carregado de sentidos ideológicos. Faraco (2009), nessa perspectiva, destaca que, para o Círculo de Bakhtin, “os signos emergem e significam no interior de relações sociais, estão entre seres socialmente organizados [...] para estudá-los é indispensável situá-los nos processos sociais globais que lhes dão significação” (FARACO, 2009, p. 49). Pode-se compreender, conforme Volóchinov (2018), que o signo não só existe como parte de uma realidade, mas também reflete e refrata uma realidade que lhe é exterior, tomando-a de um ponto de vista determinado.

O processo de refletir se dá quando determinado discurso retoma sentidos já instituídos, cristalizados, ou seja, quando são retomadas ideias gerais a respeito de um signo. Já o processo de refratar remete à ideia do discurso vivo e inimitável. No momento de o interlocutor produzir o seu discurso, vale-se do discurso do outro, mas, ao mesmo

tempo, reage a ele, operando uma mudança significativa no próprio discurso, em que novas ideias e novos sentidos são constituídos. O discurso refratado se comporta como um raio, uma vez que, ao atravessar os discursos de outrem, faz brilhar as diferentes facetas da linguagem, ou seja, faz emergir variados sentidos a cada novo contexto de uso. Assim, “um signo não existe apenas como parte de uma realidade; ele também reflete e refrata uma outra. Ele pode distorcer essa realidade, ser-lhe fiel, ou apreendê-la de um ponto de vista específico etc.” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 32). Cada locutor, portanto, assume uma posição em relação ao objeto, discordando simultaneamente de outras posições.

Para Volóchinov (2018), o signo resulta de um uso social compartilhado entre indivíduos organizados no processo de interação. Assim, as formas de materialização do signo são condicionadas tanto pela organização social dos sujeitos, quanto pelas condições em que a interação acontece. Conseqüentemente, a modificação dessas formas altera, também, os signos. Toda modificação sígnica, por sua vez, reflete modificações de cunho sociológico. Por isso, segundo o autor, a palavra, em sua variabilidade concreta, “é capaz de fixar todas as fases transitórias das mudanças sociais, por mais delicadas e passageiras que elas sejam” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 106).

Todo signo ideológico, realizando-se no processo da relação social, vê-se marcado pelo horizonte social de uma época e de um grupo social determinado. No viés de Medviédev, o horizonte social manifesta-se no conceito de avaliação social, que organiza todo e qualquer enunciado. As avaliações sociais, desde as mais estáveis, até as mais ligadas à ideologia do cotidiano, “reúne[m] a minuta da época e o assunto do dia com a tarefa da história. Ela determina a fisionomia histórica de cada feito e de cada enunciado, de classe e de época” (MEDVIÉDEV, 2012, p. 185)

Nessa mesma linha, Volóchinov (2018) afirma que o signo perderá sua força concreta na existência – seu papel na resolução da minuta da época, dos dias, das classes sociais, à moda de Medviédev (2012) – se for considerado à margem da luta de classes; isto é, não será mais um instrumento racional e vivo para a sociedade. Aquilo que torna o signo ideológico vivo e dinâmico faz dele um instrumento de reflexo e de refração. São esses processos de reflexo e refração que fazem o signo acompanhar os embates sociais, comentando-os na materialidade da palavra (VOLÓCHINOV, 2018). Todo signo ideológico vivo tem pelo menos duas faces representando a tensão/dialética interna decorrente do reflexo e da refração, sendo assim, uma crítica viva pode vir a ser um

elogio, bem como toda verdade viva não pode deixar de parecer, para alguns, uma grande “lorota”.

Volóchinov (2018) considera o signo verbal – a palavra – como signo ideológico por excelência, pois ela converte-se em signo ideológico; em outros termos, o signo é o lugar da ideologia. Por isso, o signo é responsável por acompanhar as transformações sociais. O autor afirma que:

Os fundamentos de ambos os problemas devem ser simultâneos e interligados. Acreditamos que a mesma chave possa dar acesso a ambas as esferas. Essa chave é a *filosofia do signo*, ou seja, a filosofia da palavra como signo ideológico *par excellence*. O signo ideológico é o território comum tanto do psiquismo quanto da ideologia; é um território material, sociológico e significante (VOLÓCHINOV, 2018, p. 127).

Ainda no que se refere à acepção de ideologia, destaca que classes sociais diferentes utilizam o mesmo sistema linguístico e que, conseqüentemente, os signos são impregnados de valores axiológicos contraditórios. Dessa forma, “o signo se torna a arena onde se desenvolve a luta de classes” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 47), ou seja, o signo é o lugar de embate entre vozes sociais.

Considerando o que vem sendo destacado até o momento, o termo ideologia, nos estudos bakhtinianos, não deve ser tomado em sentido restrito, linear, negativo ou simplesmente fechado no entorno teórico marxista, mas sim, como fonte de irradiação da criatividade humana. Por isso os signos não podem ser desligados da realidade concreta em que foram criados. Logo, seu conteúdo valorativo irá desvelar as posições de uma determinada sociedade, seus valores e suas crenças, que ora se explicitam, ora se confrontam, determinando a chamada ideologia do cotidiano. Assim, “as palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 242). Desse modo, a palavra se define como enunciado, ou seja, se dá como um elo na rede discursiva que é ressignificada a cada situação por diferentes acentos valorativos.

Conforme concebe Bakhtin (2016), vivemos em um universo de signos (verbais, não-verbais, de múltiplas semioses) carregados de valores, em que os enunciados que produzimos, nas mais diversas esferas do agir humano, estão sempre povoados de dizeres de outrem e de acentos valorativos desses outros, nem sempre harmônicos, mas em movimento de embate e tensões, uma vez que a linguagem reflete e refrata os valores dos sujeitos e a realidade em sua dinâmica de transformação.

Desse modo, o enunciado carrega não só uma entoação avaliativa, mas também expressa e orienta certos modos de ver/compreender o mundo e não outros; logo, “todo discurso busca na verdade monopolizar os sentidos que cria, porque, ao dizer, o locutor procura tornar aceito o seu tom avaliativo — não o do outro” (SOBRAL, 2009, p. 46). Conquanto seja permeado por outras vozes e outros acentos valorativos, ao se expressar, o enunciador coloca em cena o seu posicionamento valorativo/axiológico sobre o dizer que enuncia, considerando, pois, que ele ocupa uma posição social determinada pelas condições de sua existência social (VOLÓCHINOV, 2018).

Como produto da interação verbal e situados em um dado contexto, de um determinado meio social organizado, os enunciados que produzimos estão, de acordo com Bakhtin (2016), sempre inevitavelmente em contato com outros enunciados que já carregam determinados acentos valorativos, com os quais interagem e se ressignificam, constituindo, portanto, o elo de dizeres que caracteriza a cadeia da comunicação discursiva. Os limites de cada enunciado como unidade da comunicação discursiva são definidos pela alternância de sujeitos do discurso, ou seja, pela alternância dos falantes. Todo enunciado do diálogo cotidiano ao grande romance ou documento científico tem, por assim dizer, um princípio absoluto e um fim absoluto: antes do seu início, os enunciados dos outros; depois do seu término, os enunciados responsivos de outros (ou ao menos uma compreensão ativamente responsiva silenciosa do outro ou, por último, uma ação responsiva baseada nessa compreensão) (BAKHTIN, 2016, p. 275).

Desta maneira, ao pressupor a relação eu/outro, temos nossa identidade constituída na relação com o outro, e como todo discurso é ligado aos que já foram ditos e aos que ainda estão em estado latente, esperando para serem proferidos, um sujeito falante não pode ter consciência de todas as diversas vozes que se encontram atravessadas em seu discurso. É dessa forma que nosso dizer se encontra habitado por diferentes vozes. Assim, "Uma consciência que não se encarna no material ideológico da palavra interior, do gesto, do signo, do símbolo, não existe ou não pode existir" (VOLÓCHINOV, 2013, p. 151). Estamos, mesmo que não o reconhecendo conscientemente, preenchidos por ideologia; nossos pensamentos são permeados por signos, nossa existência se constrói na relação com o exterior. É nesse sentido que Bakhtin (2011, p. 409) afirma: "Quanto a mim, em tudo eu ouço vozes e relações dialógicas entre elas". Sendo as vozes socioculturais (pontos de vista) constitutivas do jogo dialógico no qual todos estamos inseridos, vemos que essas são a expressão do fenômeno chamado heterodiscurso. Para Bezerra (2015, p. 246-247), o heterodiscurso "traduz a estratificação interna da língua e

abrange a diversidade de todas as vozes socioculturais em sua dimensão histórico-antropológica".

Segundo Bakhtin (2015), o heterodiscurso pode ser entendido como a materialização, no universo ficcional, de uma determinada perspectiva social, uma vez que são “pontos de vista específicos sobre o mundo, formas de sua compreensão verbalizada, horizontes concreto-semânticos e axiológicos específicos” (BAKHTIN, 2015, p. 67). As vozes socioculturais constituem-se em complexos semióticos e culturais utilizados por um dado grupo humano para refletir e refratar a realidade. Voz, assim entendida, refere-se à valoração dada pelos falantes quando do momento da enunciação, sempre carregada axiologicamente. Os enunciados constituem-se dessas vozes, pelas quais somos transpostos. Dessa maneira, a língua se encontra povoada não só por nossas intenções, mas também pelas intenções de outrem, observadas por vozes discursivas, pelas entonações, que influenciam nossas atitudes de forma mais ou menos direta.

Para o que interessa diretamente ao nosso trabalho, vamos nos deter nas marcas que indicam a ligação dos discursos; assim, estaremos, então, observando as remissões feitas pelos sujeitos falantes a aspectos exteriores de seu discurso, como, por exemplo a outros registros discursivos, a um outro discurso, a uma outra palavra, a um outro interlocutor. Desta forma, a fim de complementar os conceitos expostos e enriquecer a discussão, traremos na próxima seção as noções de enunciado concreto, compreensão responsiva e gêneros do discurso.

## 1.2 ENUNCIADO CONCRETO, COMPREENSÃO RESPONSIVA E GÊNEROS DO DISCURSO

Para discorrermos sobre enunciado concreto, compreensão responsiva e gêneros do discurso, importantes para a análise da construção das posições enunciativas na interação paciente e terapeuta na série televisiva *Sessão de Terapia*, é relevante atribuímos um olhar para a interação verbal, que constitui a realidade fundamental da língua. A interação verbal inclui não só o diálogo, em seu sentido estrito, mas toda a comunicação verbal. Um relatório, por exemplo, é um elemento da comunicação verbal, que se orienta em função de intervenções anteriores dentro da mesma esfera de atividade.

Como descreve Volóchinov (2018), a partir de seu próprio interior, pela situação social mais imediata e pelo meio social mais amplo, todo enunciado é socialmente

dirigido e sua estrutura é determinada. É sempre uma resposta a alguma coisa, construindo-se sempre como um elo na cadeia da interação discursiva, determinada pelos participantes desses atos. Tanto a forma como o estilo do enunciado são determinados pela situação e pelos interlocutores. Nem mesmo em seu estágio inicial de desenvolvimento, o enunciado foge à orientação social, pois não pode haver atividade mental sem uma orientação social de caráter apreciativo: a estrutura da atividade mental é tão social como a sua objetivação exterior.

Partindo de um indivíduo, do ponto de vista de sua significação, o enunciado é organizado fora dele, pelas condições do meio social de uma determinada comunidade linguística. Entretanto, por mais completa e significativa que seja, “é apenas um momento da comunicação discursiva ininterrupta” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 219) que, por sua vez, representa só um momento na evolução contínua, em todas as direções, de um grupo social determinado.

Bakhtin opõe o enunciado concreto (unidade de comunicação verbal) à oração, que ele define como unidade da língua enquanto sistema e portadora de significação. O enunciado não é, então, uma unidade convencional, mas sim, real, delimitada pelas alternâncias dos locutores, o que se pode verificar com mais clareza nos diálogos. Os enunciados dos interlocutores do diálogo – as réplicas – alternam-se regularmente. As fronteiras que delimitam o enunciado concreto são determinadas pela alternância dos sujeitos falantes. Estas alternâncias ligam-se umas às outras e estabelecem relações (de pergunta-resposta, afirmação-consentimento, oferecimento-aceitação, ordem-execução etc.) que pressupõem o outro (em relação ao locutor) membro da comunicação verbal.

Por isso, todo enunciado é preenchido por entonações dialógicas, não só decorrentes de nosso próprio pensamento, que nasce e se forma em “interação e luta com o pensamento alheio”, mas também pelo contato com as “palavras do outro ocultas ou semi-ocultas, com graus diferentes de alteridade” (BAKHTIN, 2000, p. 318). Na posição de interlocutores, os sujeitos estão sempre procurando interpretar ou compreender outros sujeitos, assumindo, dessa forma, uma atitude responsiva ativa, a qual não está presente apenas no diálogo face a face; o diálogo face a face é mais uma das manifestações da responsividade. Toda compreensão, assim como a linguagem, é, portanto, dialógica, pois, ao se constituírem os interlocutores, se constroem simultaneamente os sentidos.

É preciso pressupor sempre um “horizonte social” definido pelo grupo e pela época a que pertencemos, cujas fronteiras não podem ser ultrapassadas, pois toda palavra dirige-se a um interlocutor e varia segundo as pessoas a quem se dirige e o contexto onde ocorre.

“Toda palavra serve de expressão ao ‘um’ em relação ao ‘outro’” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 205), ou seja, determina-se por proceder de alguém e por se dirigir para alguém, constituindo, justamente, o produto da interação do locutor e do ouvinte, servindo de expressão tanto para um como para outro.

Toda palavra, na fala real, sem exceção, possui um acento de valor ou apreciativo determinado, assim como todo enunciado compreende, em primeiro lugar uma orientação apreciativa. Isto é, “na enunciação viva, cada elemento contém ao mesmo tempo um sentido e uma apreciação” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 140). O papel criativo nas mudanças de significação deve-se à apreciação social: mudar de significação é sempre uma reavaliação, ou seja, o deslocamento de uma palavra de um contexto apreciativo para outro.

Dessa forma, a compreensão responsiva ativa toma forma material na resposta subsequente, que tanto pode ocorrer por meio de um ato (execução de uma ordem dada, por exemplo), como por meio de uma compreensão responsiva silenciosa. O próprio locutor, em certo aspecto, é um respondente, pois não inaugura a fala no mundo, como se fosse, no dizer bakhtiniano, um “Adão bíblico, perante objetos virgens, ainda não designados, os quais é o primeiro a nomear” (BAKHTIN, 2011, p. 319). Cada enunciado pressupõe a existência de enunciados anteriores, aos quais se vincula, seja na identificação seja na oposição. “A compreensão de uma fala viva, de um enunciado vivo é sempre acompanhada de uma atitude responsiva ativa”, ou seja, “toda compreensão é preche de resposta”, o que transforma, de um modo ou de outro, cada ouvinte em um locutor.

A possibilidade de responder, proporcionada pela totalidade acabada do enunciado, é marcada por três fatores. O primeiro deles é o tratamento exaustivo do objeto do sentido (quase total em algumas esferas, como, por exemplo, a vida cotidiana, a profissional, e muito relativo em outras: por exemplo, esferas criativas, como as ciências); o segundo é o intuito, o querer-dizer do locutor, que determina o todo do enunciado, sua amplitude e suas fronteiras: é o elemento subjetivo, que se liga ao elemento objetivo do enunciado (objeto do sentido); o terceiro fator, considerado o mais importante para o autor, são as formas típicas de estruturação dos gêneros do enunciado, escolhidas ou determinadas pelo locutor segundo a esfera de comunicação verbal em que se encontra, a necessidade de uma temática (objeto do sentido), o conjunto dos parceiros etc.

Para Volóchinov (2018), o caráter social do enunciado expõe a importância de suas formas e a necessidade de integrá-las ao seu próprio curso histórico. O processo da

linguagem deve ser compreendido, tanto como interior como exterior, ininterrupto, sem começo nem fim, que se remete a seus complementos extraverbais emergentes da vida corrente, que o ampliam pela ação ou pela resposta verbal de outros participantes na situação do enunciado. A forma dos enunciados responde, então, diretamente, às particularidades da vida cotidiana, o que faz despontar fórmulas especiais de palavras (alusões, subentendidos, reminiscências), de conversas (de salão, familiares, entre marido e mulher, entre desconhecidos etc.). O estudo do enunciado revela, por conseguinte, uma gama muito grande de variação em suas formas de construção, de acordo com seus lugares de produção: há formas de construção de enunciado políticas, poéticas, científicas etc., todas elas delimitadas e determinadas pela situação social mais imediata.

Volóchinov (2018, p. 227-238) estabelece uma distinção entre tema e significação. É no interior do tema, expressão com que denomina o sentido do enunciado completo – insistindo no fato de que ele deve ser único, individual e não reiterável, assim como o próprio enunciado –, que o enunciado se reveste de sentido. A significação, por sua vez, corresponde aos elementos reiteráveis e idênticos, cada vez que se repetem. Não há tema sem significação nem significação sem tema; este, no entanto, para que mantenha seu sentido, “deve apoiar-se sobre uma certa estabilidade da significação; caso contrário, ele perderia seu elo com o que precede e o que segue [...]” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 129).

A distinção entre tema e significação implica o conceito de compreensão. Em lugar da compreensão passiva, que exclui de antemão qualquer resposta, o tema só pode ser apreendido pela compreensão responsiva ativa, que contém em si própria a possibilidade da réplica, seja em forma de adesão, seja em forma de objeção, execução etc. Compreender um enunciado alheio significa orientar-se em relação a ele, encontrar para ele um lugar devido no contexto correspondente. Em cada palavra de um enunciado compreendido, acrescentamos como que uma camada de nossas palavras responsivas (VOLÓCHINOV, 2018, p. 232).

Para o autor, a relação entre o tema e o enunciado concreto possibilita a compreensão do discurso de outrem. O tema indica sempre um valor social de natureza interindividual, e por isto é de natureza sociológica, ideológica e dialógica. A cada época corresponde um determinado centro de valores (grupos de objetos particulares e limitados que se tornam objetos de atenção do corpo social e que, por causa disso, tomam um valor particular). Só este grupo de objetos dará origem a signos, tornar-se-á um elemento da comunicação por signos” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 44). Esse centro de valores



constitui-se nos temas básicos de uma certa época, que se conectam, por sua vez, com um repertório de gêneros.

Bakhtin (2000, p. 280) denomina gêneros do discurso os tipos relativamente estáveis de enunciados elaborados segundo cada esfera de utilização da língua. Eles refletem as condições próprias de cada uma dessas esferas, tanto por seu estilo (seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais segundo o grau de proximidade e/ou valor hierárquico dos locutores), como por seu conteúdo temático e por sua estrutura composicional. Salienta-se que essas três facetas estão indissolivelmente ligadas, associadas, assim, ao projeto enunciativo, o projeto do dizer.

Para Bakhtin (2000, p. 289), sem os gêneros do discurso, seria impossível a comunicação verbal. O fato de demorarmos, por vezes, a dominar uma ou outra forma de gênero de alguma esfera não se deve a um problema de estilo ou de vocabulário, mas a uma falta de experiência no domínio de determinados repertórios de gêneros. A marca principal dos gêneros discursivos é a heterogeneidade, que inclui desde a réplica do diálogo até as cartas, conversas familiares, documentos oficiais, romances etc., dificultando, por vezes, sua definição.

Os gêneros variam de acordo com as circunstâncias, a posição social e a relação entre os parceiros da comunicação, o que os configura em várias modalidades de estilo, desde o mais simples, até o mais elevado, variando também segundo uma dada entonação. Sempre nos utilizamos dos gêneros do discurso para falar, ou seja, todos os enunciados possuem “uma forma padrão e relativamente estável de estruturação de um todo” (BAKHTIN, 2000, p. 301). Nossa fala varia segundo as formas de cada gênero utilizado, às vezes mais estereotipados, mais normativos, às vezes mais maleáveis.

É preciso distinguir gêneros secundários (complexos) de gêneros primários (simples). O primário e o secundário referem-se, dentre outros aspectos, ao grau de complexidade da esfera a que se filia o gênero. Os gêneros secundários do discurso – o romance, o teatro, o discurso científico, o discurso ideológico etc. – surgem em meio a uma comunicação cultural mais complexa, como, por exemplo, a artística ou a científica que absorve e transforma os gêneros primários – os tipos de diálogo oral, cotidiano, em interação com determinada hierarquia social, como os da esfera da família, da intimidade, das reuniões sociais etc. –, que são constituídos em circunstâncias mais espontâneas. Estes últimos, ao passarem a compor os primeiros, transformam-se e “perdem sua relação imediata com a realidade existente e com a realidade dos enunciados alheios” (BAKHTIN, 2011, p. 281).

A inter-relação entre ambos os gêneros, aliada ao processo histórico da formação dos gêneros secundários, esclarece não só a natureza dos enunciados, mas também “a correlação entre língua, ideologias e visões de mundo” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 282). Os gêneros secundários, ao incorporarem os primários, valem-se do diálogo como forma de hibridização de gêneros e uma hibridização de esferas; de reatualização de gêneros com base em novos projetos de discurso. Assim, recuperando a alternância dos sujeitos falantes: “nos limites do enunciado, o locutor (ou escritor) formula perguntas, responde-as, opõe objeções que ele mesmo refuta, etc.” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 295). O primário é mais ligado à ideologia do cotidiano, à esfera dos usos cotidianos e, por isso, é mais conectado aos usos orais e imediatos, por isso, o diálogo face a face se estabelece de maneira mais evidente. Além disso o que diferencia, também, é a esfera ideológica e a teoria da natureza dialógica de todo o enunciado (GRILLO, 2008, p. 76).

Acerca do que foi visto até aqui sobre enunciado concreto, compreensão responsiva e gêneros do discurso, observamos que há no nosso objeto de estudo um enunciado emergente das sessões de terapia em que a relação terapeuta-paciente constrói um gênero discursivo – a conversação – observando os aspectos *específicos* dessa interação discursiva na forma do diálogo face a face, da conversação no contexto clínico em saúde mental, atrelado ao contexto midiático televisivo, que se circunscreve a um tempo e a um espaço. A conversação, pela psicanálise freudiana (FREUD, 2010), é balizada pelos aspectos técnicos da livre associação (associação dialógica de temas e valorações em enunciados) e da interpretação do analista (contrapalavra com excedente de visão). Ademais os enunciados das sessões terapêuticas respondem aos enunciados anteriores, respondem a enunciados dos interlocutores (experiências de vida do terapeuta e do paciente). Pode-se dizer que se trata de um discurso que se constitui em um encontro entre vozes que disputam papéis/lugares sociais e familiares. Sendo assim, investigaremos tal hipótese no que consideramos como se constroem as posições enunciativas na interação dos diálogos entre paciente e terapeuta, observando as relações dialógicas e alteritárias.

Os escritos de Bakhtin e do Círculo fizeram com que a tese fundamental da alteridade enquanto princípio dialógico (DI FANTI, 2003) aparecesse na forma de contrapalavra, compreensão responsiva, relação dialógica, diálogo, discurso bivocal, polêmica, heterodiscurso, fundo aperceptivo de percepção do discurso do outro, signo ideológico, ou seja, todos os conceitos que colocam a alteridade no centro da criação de sentidos, do uso da linguagem, de natureza dialógica.

Diante do que foi exposto, compreendemos que uma interação tensa entre discursos distintos, que se projetam para o futuro ou ligam-se a dizeres já realizados, é um processo de interação entre enunciados de diferentes discursos. Na citação abaixo, Bakhtin registra:

Todo enunciado tem uma espécie de autor, que no próprio enunciado escutamos como seu criador. Podemos não saber absolutamente nada sobre o autor real, como ele existe fora do enunciado. As formas dessa autoria real podem ser muito diversas. Uma obra qualquer pode ser produto de um trabalho de equipe, pode ser interpretado como trabalho hereditário de várias gerações, e apesar de tudo, sentimos nela uma vontade criativa única, uma posição determinada diante da qual se pode reagir dialogicamente. A reação dialógica personifica toda enunciação à qual ela reage (BAKHTIN, 2018, p. 210).

Da explanação de Bakhtin, é possível depreender que as relações dialógicas, antes de serem apenas relações entre textos, são entendidas como relações entre vozes e essas vozes pertencem a sujeitos – sejam estes passíveis de identificação ou não. Na citação destacada, percebemos a importância da noção de autoria, representativa das posições sociais assumidas, como condição de possibilidade para um enfrentamento dialógico à palavra do outro. Assim, em qualquer relação dialógica se estabelece uma relação entre sujeitos, pelo menos dois, os quais, por sua vez, enunciam respondendo, ao passo em que também suscitam respostas.

Passemos à próxima seção, que aborda a perspectiva sobre sujeito, relações dialógicas e relações alteritárias na arquitetônica valorativa, conceitos que estão no cerne da proposta da presente dissertação.

### 1.3 SUJEITO, RELAÇÕES DIALÓGICAS E RELAÇÕES ALTERITÁRIAS NA ARQUITETÔNICA VALORATIVA

Volóchinov (2018) destaca que tudo o que ocorre no diálogo face a face é de caráter intrinsecamente social. Em outros termos, a interação face a face não pode, em nenhum sentido, ser reduzida ao encontro fortuito de dois seres empíricos isolados e autossuficientes, soltos no espaço e no tempo, que troca enunciados a esmo (FARACO, 2009, p. 64).

Quaisquer enunciados, se postos lado a lado no plano do sentido, “acabam por estabelecer uma relação dialógica” (BAKHTIN, 2011, p. 323). Mesmo enunciados

separados um do outro no tempo e no espaço e que nada sabem um do outro, se confrontados no plano do sentido, revelarão relações dialógicas (BAKHTIN, 2011, p. 323). Fundamentada em Bakhtin, Knoll explana que:

“Todo ser humano é um ser individual e dotado de singularidade. No entanto, isso não significa que ele seja autossuficiente; pelo contrário, é na relação com outros sujeitos que ele toma conhecimento de si mesmo. Temos, então, as relações dialógicas como relações de sentido que sinalizam a presença de outros enunciados no interior dos nossos dizeres e o dialogismo como a heterogeneidade constitutiva dos sujeitos e discursos, que compreende os conceitos de alteridade e intersubjetividade” (KNOLL, 2003, p. 81).

Em filosofia, alteridade é a qualidade do que é outro, qualidade que, para Bakhtin, subjaz a todo o princípio dialógico (DI FANTI, 2003) assim como à linguagem. A alteridade é um desdobramento da dialética fundamental entre o eu e o outro, que não se trata de uma oposição excludente, mas constitutiva e colaborativa. Nesse sentido, temos que a palavra-chave é “relação”: o eu requer a presença do outro para existir, o que consiste em uma relação de conhecimento do outro e de autorreconhecimento.

Somente relações de alteridade têm o poder de instaurar a intersubjetividade. A atividade intersubjetiva é dialógica, consiste no movimento de um em direção ao outro, movimento esse que ocorre na interação social, tendo o enunciado como produção concreta dentro de um contexto de comunicação. Para Tatiana Bubnova (2015), a intersubjetividade não implica dois sujeitos isolados em processo de comunicação, mas a base para a concepção da pessoa enquanto uma completa estrutura dialógica.

As relações dialógicas não se limitam ao diálogo face a face, mas a todo enunciado no processo de comunicação manifestado em diferentes dimensões; e as relações de alteridade não se restringem somente na ideia da existência do outro e nem apenas se reduz ao fato de ser diferente do outro, e sim que o *outro* é aquele que constitui o *eu*. Podemos ferir que a alteridade é o vértice para onde converge a interação em que o *eu* e o *outro* se encontram, se constituem, e se revelam através dos enunciados concretos. Por meio das relações de alteridade acontece a identidade como sendo um movimento em direção ao outro, um reconhecimento de si pelo outro. Diante disso, destacamos três passagens de Bakhtin que explicam a constituição do sujeito por meio de relações alteritárias e dialógicas:

Eu tomo consciência de mim e me torno eu mesmo unicamente me revelando para o outro, através do outro e com o auxílio do outro. Os atos mais

importantes, que constituem a autoconsciência, são determinados pela relação com outra consciência (com o tu) (BAKHTIN, 2010 p. 341).

O homem entra no diálogo como voz integral. Participa dele não só com seus pensamentos, mas também com seu destino, com toda a sua individualidade. A imagem de mim mesmo para mim mesmo e minha imagem para o outro. O homem existe em realidade nas formas do eu e do outro (BAKHTIN, 2010, p. 349).

A complexa dialética do interior e do exterior. O indivíduo não tem apenas meio e ambiente, tem também horizonte próprio. A interação do horizonte do cognoscente com o horizonte do cognoscível. Os elementos de expressão (o corpo não como materialidade morta, o rosto, os olhos, etc.); neles se cruzam e se combinam duas consciências (a do eu e a do outro); aqui eu existo para o outro com o auxílio do outro (BAKHTIN, 2010, p. 394).

Nas passagens, reitera-se a ideia de que uma consciência individual ergue-se e se constitui apenas em um solo alteritário mais amplo (por exemplo, em *O freudismo – VOLÓCHINOV, 2017*), o qual é solo do encontro alteritário mais imediato (eu-outro, em *Para uma filosofia do ato – BAKHTIN, 2017*). Com base nisso, a subjetividade é alcançada por meio da intersubjetividade, ou seja, o que existe é o eu na relação com o outro, um vínculo intersubjetivo que não só identifica ou diferencia, mas que forja o sujeito humano. Na posição singular que ocupa no mundo, o sujeito não pode sair de si e olhar-se de fora, como se estivesse em uma posição exotópica a si mesmo, por isso a necessidade de enxergar-se através do olhar do outro. A alteridade é, então, uma relação constitutiva. Sem ela, o indivíduo não se reconhece como tal. Assim, sob o enfoque da relação eu e outro como centros axiológicos diferentes, interdependentes, que ocupam lugares únicos, resultantes da sua ímpar experiência, Bakhtin (2010, p. 62) discorre sobre dois momentos inseparáveis da contemplação, a empatia e a exotopia. Em apreciação às ideias de Bakhtin, Di Fanti (2020) defende:

Nesse processo, cada um tem excedente de visão único, condicionado pela singularidade do lugar ocupado, que permite que se veja no outro o que ele próprio não consegue ver. A empatia consiste na aproximação ao outro de modo a reconhecê-lo e/ou colocar-se, mesmo que provisoriamente no seu lugar, já a exotopia diz respeito ao distanciamento necessário para a produção do conhecimento. Nesse movimento, não há empatia pura, pois seria “a coincidência com o outro”, a perda do lugar único na singularidade do ser, impossível para essa perspectiva que considera todo ser insubstituível. A exotopia é o momento em que se constrói conhecimento sobre o outro a partir do que foi visto junto dele em articulação ao que se vê a distância, a partir de uma posição axiológica única (DI FANTI, 2020, p. 15).

Bakhtin (2003) discute a relação indissociável entre o eu e o outro, considerando que cada um ocupa um lugar único, um centro de valor concreto, responsivo e

responsável, o que institui uma alteridade constitutiva produtora de sentidos em determinadas condições sócio-histórica. Esses centros de valores, a partir dos quais se instaura a arquitetônica do mundo real do ato singular, se dispõem em relações tensas, porque um não coincide com o outro, ou ainda, cada um vê a si próprio e ao outro de uma perspectiva única, sempre renovada: “eu-para-mim, outro-para-mim e eu-para-o-outro”. Todos os valores e as disposições espaço-temporais se organizam em torno do eu e do outro nas suas complexas inter-relações.

Bakhtin compreende que é impossível conhecer o sujeito fora da realidade discursiva, porque o indivíduo é tecido discursivamente a partir das vozes que enuncia. Bakhtin e o Círculo posicionam-se contrariamente às correntes subjetivas da psicologia ou da linguística (como o behaviorismo), que evocam o sujeito humano como um sujeito sozinho no mundo: “Bakhtin e seus amigos afirmam o caráter primordial do social: a linguagem e o pensamento, constitutivos do homem, são necessariamente intersubjetivos” (FARACO, 2009, p.103).

Segundo Ponzio (2008, p. 204), “o problema da alteridade e do dialógico implica necessariamente a questão da linguagem verbal e do signo em geral, porque o diálogo e a alteridade são as modalidades primordiais e constitutivas daquilo que se apresenta como signo”. É no signo que a alteridade e a dialogia se materializam, haja vista que não existem sozinhas na mente do falante, mas nas práticas sociais concretas.

Os signos constituem a matéria de desenvolvimento da consciência: “a lógica da consciência é a lógica da comunicação ideológica, da interação semiótica de um grupo social. Se privarmos a consciência de seu conteúdo semiótico e ideológico, não sobra nada” (VOLÓCHINOV, 2009, p. 36). Com isso, alcançamos um sujeito socialmente construído a partir da elaboração e reelaboração dos discursos alheios no processo interativo.

Como reitera Volóchinov (2009, p. 117), consciência e linguagem são indissociáveis, uma vez que, “através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros”. O teórico entende que a consciência individual só pode ser explicada “a partir do meio ideológico e social” (VOLÓCHINOV, 2009, p. 35), pois ela mesma é um fato ideológico concretizado nas relações sociais e dotado de uma materialidade semiótica.

Logo, é a partir do contato social, da inserção do indivíduo em uma coletividade com a qual se relaciona e comunica-se, que a subjetividade é construída. Segundo Faraco

(2009), o sujeito bakhtiniano é dialógico porque, ao interagir, mediante a criação de seus enunciados e à formação da consciência socioideológica, recorre às palavras alheias, aos enunciados formados por outras pessoas que também habitam uma comunidade. Com isso, o sujeito torna-se dono de um dizer que não é apenas seu, pois contém dizeres de outros. Ao mesmo tempo, esse dizer é, de alguma maneira, somente seu porque, como produto da ação de um indivíduo único, está marcado pela singularidade desse sujeito em enunciar ativamente a seu modo.

Assim como encontramos no enunciado ecos das vozes alheias, encontramos também a voz do próprio indivíduo que as interpreta e ressignifica, uma vez que a linguagem sempre se renova mediante a ação humana. Bakhtin (2010a, p. 294) considera que a experiência discursiva individual “pode ser caracterizada como um processo de assimilação – mais ou menos criador – das palavras do outro (e não das palavras da língua)”.

Diante dessas considerações, sobre as relações dialógicas e de alteridade, observamos que a compreensão do Círculo a respeito da arquitetônica bakhtiniana remonta ao ato ético, responsável/responsivo, no sentido de nos situar em relação ao mundo e aos outros em uma relação dialógica. A relação entre ato ético e arquitetônica aparece na obra *Para uma filosofia do ato*: “Somente no interior de minha participação pode ser compreendida a função de cada participante” (BAKHTIN, 2017, p. 66), a definição de vida como evento tem como pressuposto o ato participativo. Participar é ser *com*; ou seja, implica encontro alteritário. A alteridade do ato ético, portanto, está na base da arquitetônica da vida concreta enquanto evento. “Somente na sua totalidade tal ato é verdadeiramente real...” (BAKHTIN, 2017, p. 42), ou seja, a arquitetônica é vista como a totalidade da experiência de participação do eu com o(s) outro(s) em suas múltiplas valorações. O princípio arquitetônico supremo do mundo real do ato é, desse modo, a relação alteritária eu-outro (BAKHTIN, 2017, p. 142).

Na arquitetônica do seu pensamento, Bakhtin (2010b) parte da ideia de existência de dois mundos distintos, teoria e vida, incomunicáveis, intocáveis, cuja distância somente pode ser superada pelo ato ético, responsável/responsivo. Essas duas dimensões, o mundo conceitual, abstrato, e o mundo da vida, da cotidianidade, onde vivemos e agimos, devem ser vistos em interação na arquitetônica valorativa concreta. Baseando-se em Bakhtin, afirma Faraco (2009):

Esses dois mundos [...] não se comunicam porque o mundo da vida, na sua eventicidade e unicidade, é inapreensível pelo mundo da teoria como ele se apresenta hoje, na medida em que nele não há lugar para o ser e o evento únicos. O pensamento teórico se constitui exatamente pelo gesto de se afastar do singular, de fazer abstração da vida [...] [mas], ele [Bakhtin] não esconde o desejo de reconciliar o mundo da cognição teórica e o mundo da vida (FARACO, 2009, p. 18).

O mundo conceitual, com sua verdade *istina* e suas leis universais, não precisa de nós, sujeitos únicos, com a verdade *pravda*, historicamente situados no mundo e nem de nossas ações demarcadas no espaço/tempo para existir. *Istina*, em russo, é a palavra empregada para o sentido de verdade universal, de realidade absoluta em oposição ao que é aparente, ilusório, sem permanência. Ela é usada para referir-se à verdade matemática, filosófica, dizendo respeito, portanto, ao conteúdo-sentido de uma teoria, ou mesmo de leis universais e a um universo de possibilidades, como comenta o autor Amorim (2015, p. 25), “o que se opõe a *istina* é a ilusão, o que não é real”. Antes do seu contato com o contexto real, na orientação abstrata estão contidas todas as possibilidades e potencialidades de sua efetivação; porém, a *istina* não leva em consideração a multiplicidade de contextos sociais do mundo da vida, as interferências do cotidiano, dos sujeitos que as executam e nem os sujeitos que serão tocados pelas verdades desse mundo abstrato, que também são concebidos de forma genérica. O mundo da vida, nessa perspectiva, é o mundo em que realmente vivemos, pensamos, agimos, sentimos, contemplamos, morremos etc.

Portanto, são esses dois mundos que vão orientar as nossas práticas sociais no cotidiano, os nossos atos responsáveis/responsivos, ou seja, o “ato atividade de cada um, da experiência que cada um vive, olha como um Jano bifronte, em duas direções opostas: para unidade objetiva de um domínio na cultura e para a singularidade irrepitível da vida que se vive” (BAKHTIN, 2010b, p. 43). Assim, podemos dizer que as nossas ações articulam-se não só a fenômenos abstratos, históricos e sociais, mas também a fenômenos concretos, particulares. O ato humano, por conseguinte, tensiona/entrelaça cultura e vida sob a égide da responsabilidade. Na perspectiva bakhtiniana, “o sujeito é social de ponta a ponta (a origem do alimento e da lógica da consciência é externa à consciência) e singular de ponta a ponta (os modos como cada consciência responde às suas condições são sempre singulares, porque cada um é um evento único do Ser)” (FARACO, 2009, p. 86-87).



Dispondo dos conceitos teóricos expostos até aqui, passamos, no próximo capítulo, à explanação dos procedimentos metodológicos da investigação. Também, apresentamos reflexões sobre o gênero discursivo série televisiva, mais especificamente abordamos a série *Sessão de Terapia*, como aconteceu a coleta e escolha do material.

## 2 CONTEXTUALIZAÇÃO E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O cerne desta dissertação compreende a análise de episódios selecionados da série televisiva brasileira *Sessão de Terapia*, baseada na série israelense *BeTipul*, que foi criada por Hagai Levi. O programa foi adaptado por Jaqueline Vargas, com roteiros de Cadu Machado, Ana Luiza Savassi, Luh Maza, Ricardo Inhan, Marília Toledo e Emilio Boechat, sob direção de Selton Mello. Esse programa teve cinco temporadas, de 2012 a 2014 nas três primeiras temporadas e de 2019 a 2021 nas duas últimas, primeiramente a série foi veiculada ao canal GNT, durante as três primeiras temporadas e, depois, no *streaming* da Globoplay nas duas últimas. Trata-se de uma série com várias personagens, apresentadas em pequenos episódios de 20 a 24 minutos de duração. Cada capítulo corresponde a uma personagem, que tem de seis a sete sessões com o terapeuta.

Por mais que a série apresente, em todas as suas temporadas e capítulos, algumas temáticas importantes para serem discutidas, como o preconceito racial, a homossexualidade, a pobreza, a obesidade, a relação com idosos etc., tivemos que fazer a escolha por somente uma personagem, para termos um recorte do objeto que pudesse ser desenvolvido em uma dissertação, tendo em vista os propósitos da investigação, o limite de tempo para o desenvolvimento do trabalho e o referencial teórico bakhtiniano, que prima pelo aspecto qualitativo da abordagem analítica. Escolhemos, especificamente, a quinta temporada, e optamos em fazer uma análise dos episódios da personagem-paciente Giovana (Luana Xavier) em interação com o terapeuta Caio (Selton Mello).

Assim, apresentamos um breve contexto da temporada analisada. Na quinta temporada, é o personagem Caio Barone quem assume as sessões, atende aos pacientes enquanto lida com seus demônios pessoais. Nesta temporada, o terapeuta Caio atende: às segundas, Manu (Letícia Colin), uma estilista que sofre de depressão pós-parto; às terças, Tony (Christian Malheiros), um motoboy com muitas nuances e conflitos; às quartas, Giovana (Luana Xavier), mulher que luta contra a obesidade e a compulsão alimentar; às quintas, Lídia (Miwa Yanagizawa), uma enfermeira que busca ajuda após ter trabalhado na linha de frente do combate à COVID-19. Às sextas, Caio vai ao consultório do Dr. Davi Greco, interpretado por Rodrigo Santoro, para realizar a sua supervisão.

A escolha, especificamente, pela personagem Giovana aconteceu porque, nos episódios em que atua, há enunciados repletos de marcas de alteridade constitutiva da subjetividade; a palavra do outro no discurso da Giovana apresenta-se como um valor a

ser discutido na arquitetura da sessão: Giovana-para-Caio, Caio-para-Giovana, Giovana-para-si. Para a coleta e seleção do corpus, fomos tendo a percepção, após assistirmos à série *Sessão de Terapia*, de que os episódios da quinta temporada poderiam tornar-se objeto para análise a partir dos enunciados proferidos nos diálogos na relação de paciente-terapeuta. Chamou-nos atenção a especificidade desses diálogos na interação discursiva na sessão de terapia, que, de certa forma, incentiva/força o sujeito a colocar-se para si mesmo e para o outro na/pela linguagem; é o terapeuta como “perguntador”, e não como “solucionador” das questões que a paciente traz na série, como o tema da gordofobia.

A partir dessa etapa, iniciamos a coleta do material pelo *streaming* da Globoplay de modo a responder à questão norteadora da pesquisa: como se constroem as posições enunciativas na interação paciente e terapeuta na série televisiva *Sessão de Terapia*, observando relações dialógicas e alteritárias nos possíveis caminhos da cura?

Durante os episódios da série, foi possível observar que o acompanhamento com um psicólogo é recomendado para diferentes vivências e fases da vida, como dificuldades no relacionamento, dúvidas em relação à carreira, busca por autoconhecimento ou ainda quando inconscientemente pensamos em padrões em relação ao nosso corpo que podem influenciar diretamente na nossa vida. A fim de superar esses desafios, muitas pessoas buscam a psicoterapia, que tem diversas finalidades, desde nos ajudar no caminho do autoconhecimento até ocupar um espaço fundamental no tratamento de algo mais grave que a pessoa esteja enfrentando.

Na série, durante os atendimentos da personagem Giovana, o terapeuta usa a abordagem de Terapia Cognitivo Comportamental (TCC). O que se torna um contraponto na consulta com o supervisor do Caio, o Davi (que é freudiano), inclusive há uma rixa velada de TCC *versus* psicanalistas nas conversas entre os dois profissionais durante as sessões. Conforme aparece no fragmento da sessão 3 composto por 4 segmentos discursivos, extraídos do terceiro encontro/episódio sobre o Caio (como paciente):

**[Davi]** Eu até posso entrar nesse papo teórico, se você quiser, mas eu acho que vai ser muito mais proveitoso se a gente falar disso, essa competição.

**[Caio]** Que competição? Não tem competição. Se tem competição, é daí pra cá, daqui pra cá, não tem. Ficou o que, puto que eu falei a verdade? É bom alguém te falar a verdade pra você, ó, cair na realidade, chão, te dar chão. Cadê, cadê o cara de sorriso no rosto, deitadão no gramado? Cadê ele? Ah sim, te incomoda eu seguir a abordagem do TCC?

[Davi] O cara continua aqui, você tem razão. Eu passei a vida inteira estudando e continuo fazendo isso todos os dias. Sabe qual foi a coisa mais importante que eu aprendi? Que toda essa teoria, os títulos, publicações, não servem de absolutamente nada se eu não conseguir te ajudar.

[Davi] Não importa se a gente têm a mesma profissão ou quantos de terapia você têm, a gente tá começando do zero aqui. Se você usa uma abordagem diferente da minha. Meu papel é te escutar, Caio, e tentar te ajudar a desfazer todas essas suas certezas. Eu não tô dizendo que o que você viveu em outras terapias foi em vão, mas a partir do momento em que você entra por aquela porta, tem que tá aberto pra desconstruir. Vai ser trabalhoso? Vai... mas cê não vai fazer isso sozinho.

Na modalidade de TCC na psicologia, o terapeuta trabalha para que os pacientes acreditem que a maneira como entendem o mundo é a fonte dos transtornos da mente. O objetivo da TCC é ajudar o paciente a se conhecer melhor. Ou seja, analisar os próprios pensamentos – especialmente os pensamentos automáticos, intrusivos –, seus sentimentos e a influência deles em seu comportamento. O terapeuta dessa abordagem vai trabalhar na mudança da visão sobre o mundo e os acontecimentos em relação ao paciente (BAHLS; NAVOLAR, 2010). Com a contextualização do objeto e a descrição sobre a TCC etc., entendemos que seja relevante suscitar o viés de Volóchinov acerca do evento sociológico psicanalítico, deslocando para a sessão de terapia.

“Veremos que todas as manifestações e conflitos psíquicos, que a psicanálise traz ao nosso conhecimento, são inter-relações e conflitos complexos entre as respostas verbalizadas e não-verbalizadas do homem” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 20)

“Veremos que no interior do próprio campo verbalizado do comportamento humano ocorrem conflitos bastante graves entre os discursos interior e exterior e entre diferentes camadas do discurso interior. Veremos que, em alguns campos da vida (no sexual, por exemplo), desenvolve-se de modo especialmente difícil e lento a formação de vínculos verbalizados (isto é, o estabelecimento de vínculos entre as respostas visuais, a motoras e outras no processo de comunicação entre indivíduos, o que é necessário para a formação de respostas verbalizadas). Na linguagem de Freud, tudo isso são conflitos da consciência com o inconsciente” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 20)

“Esse conteúdo do psiquismo é totalmente ideológico: da ideia confusa e do desejo vago e ainda indefinido ao sistema filosófico e à complexa instituição política temos uma série contínua de fenômenos ideológicos e, conseqüentemente, sociológicos” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 21)

Basicamente, ele traz dois apontamentos: o que constitui o evento é um pequeno acontecimento social, marcado pela interação discursiva entre "médico" e "paciente"; pelas "respostas verbalizadas" entre ambos. Quanto mais sociologizada é a mente, quanto mais se "verbaliza" os conteúdos da consciência, tanto mais esta se preenche de discurso

exterior, estruturando-se; os problemas que a terapia traz à cena são problemas entre as respostas verbalizadas e não-verbalizadas (temas obscuros) que se tensionam na psique do "paciente". Para Volóchinov, temas não verbalizados, como a sexualidade, estão relacionadas a práticas que tendem ao individualismo, ou à vergonha (como, por exemplo, a sexualidade, que tende a ser resolvida no plano individual, privado).

Descrito alguns detalhes sobre a série *Sessão de Terapia*, como se dá a construção do desenvolvimento dos episódios, o viés de Volóchinov sobre o evento sociológico psicanalítico, além da explicação da abordagem utilizada pelo terapeuta Caio com a personagem Giovana, apresentamos algumas reflexões sobre o porquê as pessoas terem cada vez mais como preferência assistir ao gênero série. Explicamos este fato ao observarmos que, a partir do século XX, com o desenvolvimento das tecnologias, com o surgimento de uma infinidade de meios de comunicação, as séries ganharam destaque nas plataformas de *streamings* (PLANTULLO, 2016). Este é um exemplo de conteúdo cultural oferecido pela mídia que está atrelado ao mundo contemporâneo. As tecnologias digitais, com suas mais diferentes plataformas de alcance global, modificaram elevadamente os modos de agir, de se relacionar da maioria das pessoas.

Assim, para uma melhor apresentação da importância do gênero do discurso para as análises de cunho bakhtiniano, passamos a discorrer sobre o gênero, a partir do programa *Sessão de Terapia*. Logo, este estudo reúne a elaboração bakhtiniana relativa à produção de conhecimento nas ciências humanas, o qual se realiza mediante confronto dialógico de enunciados. Em *Por uma metodologia das ciências humanas* (1975), Bakhtin (2017b, p. 59) defende que o objeto das ciências humanas é o “ser expressivo e falante”, inacabável e inexaurível em nenhum recorte metodológico. As escolhas metodológicas que optassem por estudar a expressão e o diálogo constitutivos do ser humano deveriam, então, comportar uma abertura ao fenômeno, ao evento gerador de sentidos.

Como o nosso objetivo de pesquisa é investigar a construção das posições enunciativas na interação paciente e terapeuta na série televisiva *Sessão de Terapia*, observando relações dialógicas e alteritárias nos possíveis caminhos de cura, apresentamos as dinâmicas de fazer falar e o fazer ouvir como meio e finalidade terapêutica (CELES, 2005), nos amparando no método sociológico. Para tanto, salientamos a passagem da obra *Marxismo e filosofia da linguagem* sobre as orientações metodológicas fundamentais:

- 1) Não se pode isolar a ideologia da realidade material do signo (ao inseri-la na ‘consciência’ ou em outros campos instáveis e imprecisos).
- 2) Não se pode isolar o signo das formas concretas da comunicação social (pois o signo é uma parte da comunicação social organizada e não existe, como tal, fora dela, pois se tornaria um simples objeto físico).
- 3) Não se pode isolar a comunicação e suas formas da base material. (VOLÓCHINOV, 2018, p. 110).

As premissas metodológicas acima destacadas referem-se ao estudo da indissociável relação entre linguagem e ideologia. Recorremos, assim, a Volóchinov (2018) para apresentar a relação com a série *Sessão de Terapia* que apresenta, no ponto 1, o contexto ideológico da vida da paciente e da vida do terapeuta que se imbricam no contexto ideológico da sessão de terapia. Isso, entretanto, está afigurado, ficcionalizado; em cada episódio, enquanto componente de série, traz pontos de vista ideológicos que se inserem, invariavelmente, na esfera do entretenimento e do consumo (mercado, audiência). Isso tem a ver com o imbricamento das “formas e tipos de interação discursiva” (VOLÓCHINOV (2017, p. 218). Toda ideologia vem encarnada em alguma materialidade discursiva (signo, enunciado) objetiva. No ponto 2, a forma do signo ideológico, enunciado concreto, materializa-se na interação social com um gênero do discurso, que na pesquisa em foco representa a sessão de terapia e a série televisiva. Já no ponto 3, as formas da base material são tanto a visão cronotópica de sociedade na série, quanto aquela do mundo da recepção, de quem assiste a série. Nessa etapa, consideram-se a constituição dos enunciados concretos formalizados nas interações discursivas projetadas em cada sessão.

O estudo da linguagem em suas manifestações concretas, desse modo, deverá ser realizado a partir da “ordem metodologicamente fundamentada para o estudo da língua” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 220). Essa perspectiva contempla a indissociável relação entre esferas ideológicas, gêneros do discurso e enunciados, que tem vida pelas posições axiológicas tomadas pelos sujeitos do discurso em determinadas condições sócio-históricas:

- 1) formas e tipos de interação discursiva em sua relação com as condições concretas; 2) formas dos enunciados ou discursos verbais singulares em relação estreita com a interação da qual são parte, isto é, dos gêneros dos discursos verbais determinados pela interação discursiva na vida e na criação ideológica; 3) partindo disso, revisão das formas da língua em sua concepção linguística habitual (VOLÓCHINOV, 2018, p. 220)

Considerando as orientações e exigências metodológicas fundamentais, entendemos que o estudo das materialidades discursivas precisa considerar o contexto ideológico, valorativo, que compõe tanto o universo sociohistórico amplo que abarca o fenômeno, quanto as condições mais imediatas. Para isso, a análise dos enunciados concretos não deve ser feita em sua imanência, mas em correlação com o horizonte ideológico mais amplo e mais imediato, assim como com as regularidades das formas típicas de interação discursiva, ou seja, os gêneros do discurso.

Cada enunciado da série *Sessão de Terapia* é circunscrito em seus aspectos temáticos, composicionais e estilísticos pelo contexto interacional do qual emerge. Há, então, enunciados tipificados específicos para a esfera da atividade clínica, correspondente à terapia. Tal esfera, entretanto, é ficcionalizada no seriado em análise, imbricando-se com a esfera midiática, a qual é bastante fértil em termos de propagação de crenças, valores e visões de mundo. A esfera midiática atua na vivência e nas atitudes dos sujeitos que a elas estão expostos (RIBEIRO, 2015). Possibilita-nos visualizar como a vida e a linguagem se constituem e integram as diversas interações com a cultura de uma sociedade. Segundo Bakhtin (2003, p. 265), pesquisar um enunciado ou discurso desvinculado do gênero discursivo que o engendra e da esfera em que se produz e circula esse gênero pode ter algumas consequências para o entendimento dos sentidos desse enunciado.

Para Grillo (2012, p. 147), a esfera discursiva “é um espaço de refração que condiciona a relação enunciado/objeto do sentido, enunciado/enunciado, enunciado/coenunciadores”. A autora explica esse conceito a partir da teoria bakhtiniana e acrescenta que “[...] as esferas dão conta da realidade plural da atividade humana ao mesmo tempo que se assentam sobre o terreno comum da linguagem verbal humana”. Essa pluralidade é condicionada e atrelada aos enunciados concretos e vivos que se constituem a partir de gêneros do discurso. Bakhtin ainda afirma,

O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional (BAKHTIN, 2016, p. 11).

Ao pesquisar a definição dos gêneros e a sua problemática, Bakhtin (2000, p. 279) ressalta a impossibilidade de quantificar a variação dos gêneros discursivos, associando-a à riqueza do repertório das atividades humanas.

Apresentada estas considerações, destacamos que, para o desenvolvimento da investigação, a primeira ação foi verificar a existência de algum estudo referente ao objeto de nossa análise. Fizemos pesquisas em conceituados websites de conteúdo científico pelas palavras-chave que especificamos a seguir. Nossa procura inicialmente foi uma busca geral no Google, após se deu via Periódicos da CAPES e as bibliotecas virtuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. A pesquisa nos Periódicos da CAPES ocorreu em razão de que é possível encontrar produções acadêmicas de alto nível em âmbito nacional e internacional. Já a opção pelas bases da UFRGS e da PUCRS deve-se ao fato de que essas são sólidas instituições de ensino superior no Sul do país. Algumas combinações foram realizadas, a fim de examinar quais resultados surgiriam, com base nas palavras-chave: relações dialógicas, arquitetônica, alteridade, posições enunciativas e Bakhtin. A opção por essas palavras se deu em razão de elas serem, em termos de perspectiva teórica, de categoria de análise, essenciais para esta pesquisa. Do mesmo modo procuramos pelo nome da série *Sessão de Terapia*.

Dessa forma, no quadro 1, abaixo apresentado, é possível conferir o resultado da busca pelas palavras-chave relevantes a nossa pesquisa, assim como suas ocorrências nos websites nos quais a consulta foi feita.

<b>Quadro 1 – palavras-chave/ocorrências</b>			
Palavras chaves/ocorrências	Periódicos CAPES	UFRGS	PUCRS
1. relações dialógicas na série <i>Sessão de Terapia</i>	0	0	0
2. arquitetônica na série <i>Sessão de Terapia</i>	0	0	0
3. alteridade na série <i>Sessão de Terapia</i>	0	0	0
4. posições enunciativas na série <i>Sessão de Terapia</i>	0	0	0
5. Bakhtin na série <i>Sessão de Terapia</i>	0	0	0
6. Série <i>Sessão de Terapia</i>	1	0	0



Em relação à palavra-chave nº 6, encontramos no site dos Periódicos da CAPES uma comunicação que tem como título “As redes discursivas da série dramática *Sessão de Terapia*”, cujo objetivo era verificar as características da cultura de fãs em rede, associada a conteúdos brasileiros. O conteúdo dessa comunicação não tem relação direta com o nosso trabalho.

De acordo com a Quadro 1, podemos corroborar que parece haver uma certa lacuna de produções científicas que liguem a série *Sessão de Terapia* à teoria bakhtiniana. É importante ressaltar que estudos de ordem semelhante ao nosso podem ter sido desenvolvidos sem o uso das palavras-chave acima elencadas; isto é, estudos que tratem da mesma temática que a nossa e que se serviram de palavras-chave outras. No entanto, a observação da inexistência da palavra-chave "*Sessão de Terapia*" em produções científicas que constituem o banco de dados dos sites de busca aos quais recorreremos permite constatar ser possível que nosso objeto de reflexão ainda não tenha sido matéria de análise para outro pesquisador.

Para a investigação aqui proposta, foi realizada a pesquisa do tipo exploratória, com uma abordagem qualitativa, cuja fonte de coleta de dados está restrita à transcrição dos áudios dos vídeos de cada episódio (sete no total) da personagem Giovana, da série *Sessão de Terapia*, que foram assistidos pela Globoplay. A transcrição produzida foi realizada seguindo as normas do projeto da Norma Urbana Linguística Culta - NURC da Universidade de São Paulo - USP. No NURC, as transcrições levam em consideração a língua oral e suas peculiaridades. Resolvemos então conservar a maior quantidade de elementos das entrevistas, tais como truncamentos de palavras, ênfases, pausas, hesitações, repetições, prolongamento de vogais e consoantes. O sinal de reticências indica qualquer tipo de pausa. É uma solução evidentemente discutível, mas a que se chegou por uma medida de economia no trabalho, dada a dificuldade em se cronometrar as pausas. Nas transcrições, foram considerados alguns vícios de linguagem e peculiaridades provenientes da fala como “uhum”, “né”, “huum” etc. (LITERO, 2019). Para as análises, os fragmentos são usados e há uma especificação entre parênteses à qual sessão estamos nos referindo<sup>4</sup>.

Como o objetivo deste trabalho é investigar a construção das posições enunciativas na interação paciente e terapeuta na série televisiva *Sessão de Terapia*, observando relações dialógicas e alteritárias nos possíveis caminhos de cura, organizamos a análise

---

<sup>4</sup> As transcrições encontram-se em anexo.

seguindo duas orientações básicas. A primeira diz respeito à organização geral das análises, que seguirá o fluxo da apresentação das personagens conforme aparecem no discurso da sessão de terapia. A segunda orientação refere-se à organização de cada conjunto de análise, que discutirá, nessa dinâmica, a questão da obesidade e da compulsão alimentar enfrentada pela personagem Giovana. Esta ordem de análise se relaciona às subdivisões do próximo capítulo, uma vez que para verificar nossa hipótese de trabalho apresentamos as vozes nos discursos das personagens da série. Dessa forma, denominamos cada parte analisada da seguinte forma: a) Vozes que discriminam; b) Vozes: que reverberam a compulsão alimentar; c) Vozes que reproduzem estereótipos e d) Discussão dialógica sobre as análises das sessões de terapia.

Para as análises que serão desenvolvidas no capítulo posterior, observamos que, para operacionalizar os objetivos específicos – verificar como se instauram e se ressignificam as posições enunciativas nas interações terapêuticas, tendo em vista a diversidade de diálogos de vozes que atravessam o discurso nas sessões de terapia; e a análise das relações de alteridade nas interações paciente e terapeuta nos episódios selecionados da sessão de terapia, observando a projeção dos lugares ocupados na vida familiar e social pela paciente –, a nossa leitura responsiva baseia-se na especificidade da interação discursiva na arquitetura do gênero discursivo sessão de terapia: a possibilidade de ocupar uma outra posição arquitetônica em relação a si mesmo (e ao outro).

Nas pesquisas realizadas, consideramos as reflexões relativas às noções do Círculo de Bakhtin, a saber, signo ideológico, valoração, heterodiscurso, enunciado concreto, compreensão responsiva, gêneros do discurso, sujeito, relações dialógicas e relações alteritárias. Essas reflexões levam em conta o recorte para a análise da interação discursiva: o enunciado no aspecto verbal. Na contemplação do gênero discursivo sessão de terapia na série televisiva, há um imbricamento de esferas (a clínica, representada, e a televisiva, que enforma a primeira).

Nesse cenário, passamos para o próximo capítulo, intitulado *A construção das posições enunciativas à luz de relações dialógicas e alteritárias na série televisiva Sessão de Terapia*.

### **3 A CONSTRUÇÃO DAS POSIÇÕES ENUNCIATIVAS À LUZ DE RELAÇÕES DIALÓGICAS E ALTERITÁRIAS NA SÉRIE TELEVISIVA *SESSÃO DE TERAPIA***

Neste capítulo, analisamos a interação discursiva entre terapeuta e paciente, materializada nos enunciados inscritos nos diálogos face a face, os quais, por sua vez, manifestam a dialogicidade constitutiva da linguagem e da subjetividade entre as personagens paciente Giovana e o terapeuta Caio nas sessões de terapia, de modo a responder à pergunta norteadora deste trabalho: como se constroem as posições enunciativas na interação paciente e terapeuta na série televisiva *Sessão de Terapia*, observando relações dialógicas e alteritárias nos possíveis caminhos de cura?

Atrelada a essa questão, a presente pesquisa tem o objetivo geral de investigar a construção das posições enunciativas na interação paciente e terapeuta na série televisiva *Sessão de Terapia*, observando relações dialógicas e alteritárias nos possíveis caminhos de cura. Em relação aos objetivos específicos, almeja-se: a) verificar como se instauram e se ressignificam as posições enunciativas nas interações terapêuticas, tendo em vista a diversidade de diálogos de vozes que atravessam o discurso nas sessões de terapia; e b) analisar as relações de alteridade nas interações paciente e terapeuta nos episódios selecionados da série *Sessão de Terapia*, observando a projeção dos lugares ocupados pela paciente tanto na vida familiar, quanto social.

Dada a proximidade entre relações alteritárias e relações dialógicas do ponto de vista teórico, consideraremos na análise como *alteritários* os movimentos discursivos decorrentes da relação eu e outro, em especial, a relação paciente (Giovana) e terapeuta (Caio). Como *dialógicas*, consideraremos as relações com outras vozes sociais que aparecem no discurso e desencadeiam diferentes relações de sentido.

As sessões analisadas neste capítulo são protagonizadas por Giovana (Luana Xavier), uma mulher negra que enfrenta a obesidade e a compulsão alimentar. Giovana desenvolveu um estado grave de saúde, sofrendo com diabetes e problemas cardíacos. A personagem fez uma cirurgia bariátrica, mas, com o tempo, os problemas voltaram a aparecer. Com a pandemia da COVID-19, deflagrada em março de 2020, os medos, que até então estavam mais controlados, voltaram com toda força. Depois de quase morrer, ela chega à primeira consulta com Caio (Selton Mello) para tratar a obesidade e a compulsão alimentar.

Procederemos à análise segundo o modo de apresentação: a da paciente, em suas interações com o terapeuta. Observamos, assim, nos fragmentos a seguir, durante as três primeiras sessões, as falas da personagem Giovana e as perguntas do terapeuta Caio, que mostram, inicialmente, o principal motivo para que a paciente tenha procurado fazer as sessões de terapia: a obesidade e a compulsão alimentar. Para a pesquisa, apresentaremos os três fragmentos, que são, respectivamente o primeiro, o segundo e o terceiro episódio/encontro da personagem com o terapeuta, que ocorreram na série televisiva sempre às quartas-feiras.

O capítulo está disposto em quatro seções. Apresentamos, na primeira seção (3.1), análise das interações cujas vozes abordam a discriminação concebida pela personagem Giovana referente à primeira sessão; na segunda seção (3.2), análise das interações cujas vozes reverberam a compulsão alimentar da personagem respectiva à segunda sessão; na terceira seção (3.3), análise das interações cujas vozes reproduzem os estereótipos sentidos por Giovana relacionada à terceira sessão. A quarta seção (3.4), diferentemente das anteriores, tem como função apresentar uma discussão estabelecendo um diálogo entre as três análises efetuadas.

### 3.1 VOZES QUE DISCRIMINAM

Tomemos, para esta seção que trata de vozes que discriminam, o Fragmento 1, composto por 3 segmentos discursivos, extraídos do início da sessão representada no primeiro encontro/episódio. É nesse momento que a personagem Giovana conhece o terapeuta Caio:

#### **Fragmento 1**

**[Caio]** Você me falou de várias coisas que te dão medo. A catraca, a poltrona do avião, o aparelho de ginástica... eu queria entender qual o seu maior medo?

**[Giovana]** Morrer por causa da minha gordura. As pessoas olham pra você e já tacham: Gorda. Até médico faz isso. Por que que a minha aparência importa tanto para as pessoas?

**[Caio]** Por que a opinião das pessoas sobre a sua aparência importa tanto pra você? Você tá falando de rótulos, estereótipos...Giovana, você me disse que é uma excelente vendedora. O que que faz você se destacar? Que... que habilidades são essas que fazem você ser tão boa assim em convencer alguém e ser a melhor vendedora?

No trecho destacado, observamos uma parte da sessão de terapia em que as perguntas do terapeuta apontam para a principal hipótese com que ele trabalhará: a questão do medo e a discriminação social em relação à obesidade da personagem. O profissional usa como estratégia as posições enunciativas na relação paciente e terapeuta, assim os enunciados apontam para um enfrentamento discursivo entre os interlocutores, que pode ser observado pelos questionamentos de ambos os lados: “(...) eu queria entender qual o seu maior medo?” (Caio); “Por que a minha aparência importa tanto para as pessoas?” (Giovana); “Por que a opinião das pessoas sobre a sua aparência importa tanto pra você?” (Caio); “O que que faz você se destacar?” (Caio); “Que... que habilidades são essas que fazem você ser tão boa assim em convencer alguém e ser a melhor vendedora?” (Caio).

Ao observarmos a relação eu e outro, próprio dos movimentos alteritários entre a paciente Giovana e o terapeuta Caio, percebemos no enunciado de Giovana o movimento eu-para-o-outro, expresso pelo conflito entre a própria aparência e a visão que imagina que as outras pessoas têm sobre ela: “As pessoas olham pra você e já tacham: Gorda. Até médico faz isso. Por que que a minha aparência importa tanto para as pessoas?”. Nesse movimento de alteridade com o terapeuta, emergem, nos enunciados da paciente, relações dialógicas com vozes sociais que discriminam o corpo gordo e afetam sobremaneira a saúde mental de Giovana, a ponto de ter medo de “Morrer por causa da [sua] gordura”. Nessa dinâmica, a voz social dos médicos, que deveriam cuidar profissionalmente da vida singular dos pacientes, é valorada enfaticamente como quem também discrimina os obesos: “Até médico faz isso”. O conjunto dessas visões sobre si própria afeta a autoestima de Giovana, o seu eu-para-mim, revelado na perspectiva de como se vê pelos olhos dos outros.

Na dinâmica alteritária da paciente e o terapeuta, que vai desenhando posições enunciativas na sessão terapêutica, a relação outro-para-mim (opinião das pessoas x Giovana) é questionada pelo terapeuta ao provocar a paciente, problematizar suas inquietações, visando mudar o seu ponto de vista: “Por que a opinião das pessoas sobre a sua aparência importa tanto pra você? Você tá falando de rótulos, estereótipos... Giovana, você me disse que é uma excelente vendedora. O que que faz você se destacar?”. Esse movimento alteritário provoca o outro (Giovana) a sair do seu lugar, assumir outra posição enunciativa, a partir do olhar amoroso do terapeuta, que procura ver a paciente em sua singularidade, resgatando as suas qualidades: “O que que faz você se destacar? Que... que habilidades são essas que fazem você ser tão boa assim em convencer alguém

e ser a melhor vendedora?”. Tal amorosidade corresponde ao movimento de empatia e de exotopia, que resulta no excedente de visão do terapeuta ao ajudar a paciente a se (re)conhecer em sua singularidade no e pelo discurso. É um processo de resgate da subjetividade via intersubjetividade; um processo de encontro com o outro como resgate do eu, constituído pelo nós. Para ocorrer efetivamente o diálogo *eu-tu*, deve haver humildade, amorosidade, esperança e confiança, em que uma parte não deve posicionar-se como detentora do saber e sim considerar os saberes do *outro*, os seus saberes prévios, do senso comum, necessários para que ocorra uma relação dialógica. Bakhtin (2010) elucida essa concepção com as seguintes palavras:

O desamor e a indiferença nunca geram forças suficientes para nos deter e nos demorar sobre o objeto, de modo que fique fixado e esculpido cada mínimo detalhe e cada particularidade sua. Somente o amor pode ser esteticamente produtivo, somente em correlação com quem se ama é possível a plenitude da diversidade (BAKHTIN, 2010, p. 127).

É na escuta sensível de todos os instantes vividos que fomos nos constituindo pessoas-pesquisadoras que, de maneira interessada, respondem às novas orientações, às novas reflexões e a um novo jeito de olhar, redirecionando uma prática dialogada repleta de confiança e de atos amorosos uns com os outros.

No fluxo de questionamentos, que respondem a enunciados passados e suscitam diferentes respostas na relação paciente (Giovana) e terapeuta (Caio), retomamos Bakhtin (2014) ao postular sobre a dimensão dialógica do discurso:

O discurso vivo e corrente está imediata e diretamente determinado pelo discurso-resposta futuro: ele é que provoca a resposta, presente-a e baseia-se nela. Ao se constituir na atmosfera do ‘já-dito’, o discurso é orientado ao mesmo tempo para o discurso-resposta que ainda não foi dito, discurso, porém, que foi solicitado a surgir e que já era esperado. Assim é todo o diálogo vivo. (BAKHTIN, 2014 [1975], p. 89, grifo do autor).

Nesse intercâmbio, ressalta-se o lugar dado ao outro no discurso, sejam outros sujeitos, sejam outras vozes sociais. De qualquer forma, o outro reverbera, de modo mais ou menos aparente, no discurso do eu; o social emerge na consciência individual; e a experiência de análise do terapeuta na vida do paciente, sugerindo que a dialogização de vozes sociais possa ser um importante caminho de cura. Observamos, nessa perspectiva, no começo da conversa, um trecho que se inicia com uma pergunta do terapeuta, própria de quem tenta estabelecer uma interação com o paciente na sessão de terapia: “Você me falou de várias coisas que te dão medo. A catraca, a poltrona do avião, o aparelho de

ginástica... eu queria entender qual o seu maior medo?”. Os signos ideológicos "catraca", "poltrona do avião" e "aparelho de ginástica", discursivamente relacionadas ao signo ideológico "medo", criam, na sessão de terapia, um palco de encontro entre distintas vozes sociais conjugadas sob a tensão corpo magro vs. corpo gordo. A pergunta do terapeuta convoca a dialogização dessas vozes, no campo do discurso exterior, indicando que a interação discursiva mais imediata (calcada na relação alteritária Giovana-Caio) pode criar um suporte à elaboração do tema que assola a consciência da paciente.

A partir dessa pergunta, podemos escutar a voz do terapeuta que constrói hipóteses a partir do discurso do outro, centrando sua reflexão no signo ideológico “medo”, que não só reflete a preocupação do terapeuta com os temores da paciente, mas também refrata uma situação ficcional que aborda problemas cotidianos em um gênero secundário, a série televisiva *Sessão de Terapia*. Nessa refração, tenta-se interpelar o telespectador pelo possível medo que eles também possam ter da gordofobia. Essa interação de gêneros e esferas, que perpassa os diferentes enunciados, potencializa a entonação expressiva do signo ideológico medo, ressaltando os problemas enfrentados pelas pessoas na contemporaneidade. Com isso, convoca-se a voz social do público a relacionar-se dialogicamente com os enunciados representados na série, estendendo à esfera pública a necessidade de reflexão sobre vozes que discriminam o corpo gordo – potencialmente convocando o público a também procurar caminhos para a cura, ou para a luta contra a gordofobia.

De fato, no caso da paciente Giovana, o medo da catraca, da poltrona do avião e do aparelho de ginástica imprime valorações aos signos ideológicos que, em seu interior, ressoam vozes sociais que discriminam os obesos. Essa discriminação pode ser observada tanto pelo fato de se ter medo de ficar entalada em um dos espaços citados, os quais não são apropriados para pessoas obesas, quanto pelo fato de chamar atenção por seu peso estar acima do que se convencionou como normal. Nesse embate dialógico de vozes que discriminam o corpo gordo, Giovana manifesta o medo de morrer por causa da sua gordura. O olhar do outro, o discriminador, impacta a paciente, a adocece, a faz temer a morte. Como descreve Barros (2014), a discriminação é aquela em que o sujeito preconceituoso (decepcionado, frustrado, desesperado, inseguro e que tem ódio) passa à ação, ou seja, completa sua competência e age contra o outro (o causador da falta, o odiado). Esse outro discriminador abarca diferentes pessoas e profissões, como é o caso do médico: “As pessoas olham pra você e já tacham: Gorda. Até médico faz isso.” O uso do marcador “até” assinala a gravidade do problema para a paciente, já que não se

esperaria que um profissional da saúde a discriminasse pelo seu peso. As consequências desse olhar intolerante fazem Giovana questionar, antecipando possíveis respostas: “Por que a minha aparência importa tanto para as pessoas?”.

No desenvolvimento da sessão, materializada pelas relações dialógicas entre vozes sociais e relações de alteridade entre a paciente e o terapeuta, Caio, buscando caminhos para elucidar os traumas, provoca Giovana: “Porque a opinião das pessoas sobre a sua aparência importa tanto pra você? Nesse jogo de posições enunciativas assumidas nas interações, podemos observar que a antecipação é um dos elementos-chave tanto por parte dos analistas como por parte dos analisandos/pacientes em uma sessão de terapia; ela expõe o que cada interlocutor representa das condições de produção do discurso. Os efeitos de sentido decorrentes nunca são uniformes, independentemente do processo de terapia, do terapeuta ou do paciente. Os terapeutas aprendem a formular perguntas que antecipam possíveis respostas dos pacientes, com base na construção de hipóteses a respeito das narrativas que lhe são apresentadas. Porém, é preciso ressaltar um fato: por mais que formule perguntas, o terapeuta constrói tais hipóteses sempre a partir do que a paciente disse; essas antecipações, por seu lado, provocam diferentes efeitos de sentido, geradores de novas respostas, sempre com diferentes informações (CARRION, 2019).

Embora o terapeuta provoque a paciente ao perguntar por que a opinião das outras pessoas sobre a aparência dela importa tanto, ele também procura dar outro direcionamento à reflexão: “Você tá falando de rótulos, estereótipos...Giovana, você me disse que é uma excelente vendedora. O que que faz você se destacar? Que... que habilidades são essas que fazem você ser tão boa assim em convencer alguém e ser a melhor vendedora?”. Esse encaminhamento da interação revela uma posição do terapeuta que, por um lado, questiona a situação perniciosa de discriminação em que se vive, de rotulação vazia das trocas sociais, própria de uma verdade *istina*, entendida como universal, que não reconhece as particularidades do ato ético próprio do sujeito na arquitetura valorativa concreta. Por outro lado, a posição assumida pelo terapeuta convoca a verdade *pravda*, incorporada singularmente no ato ético responsável e responsivo, que desloca a posição da paciente para um centro de valor a ser reconhecido individual e socialmente na arquitetura concreta. Busca, assim, um meio de superar esses enfrentamentos, via valorização da paciente por suas qualidades, como a atuação profissional: “excelente vendedora”, “destacar”, “habilidades” para “ser a melhor vendedora”.



Nas interações analisadas a partir do fragmento 1, o discurso do outro deflagra as posições enunciativas ocupadas pelos personagens na arquitetura da sessão de terapia. Giovana se defende dos outros, os critica; Caio implica Giovana no próprio problema, deslocando o centro da atenção para ela, e não no eles-para-ela. Somente na relação recíproca Giovana-para-Caio a paciente começa a realçar os “motivos responsivos” que alimentam a maneira como ela responde à sociedade, o que só é percebido, incentivado e trabalhado na/pela resposta dela a Caio. Então, todos esses apontamentos demonstram que há um caminho a ser pensado a partir de uma mudança de rota via terapeuta. Há, nessa perspectiva, duas situações: (a) a questão da discriminação (posição de vítima, discriminada): eles-para-mim (discriminadores-para-Giovana) e eu-para-eles (Giovana-para-discriminadores) e (b) a questão da mudança de rota: eu-para-ele (Giovana-para-terapeuta) e ele-para-mim (terapeuta-para-Giovana). Esse movimento alteritário – mudança de Giovana-para-discriminadores para Giovana-para-terapeuta – é ancorada na arquitetura da relação terapêutica paciente-analista, procurando dar um novo acabamento ao eu-para-mim, de modo à paciente reconhecer-se pelos olhos do outro (Caio), sem deixar de dialogar com as outras vozes que perpassam seu dizer, assumindo uma nova posição enunciativa frente a suas angústias.

Na próxima seção, passemos a analisar o Fragmento 2, em que trataremos da compulsão alimentar discutida na sessão de terapia.

### 3.2 VOZES QUE REVERBERAM A COMPULSÃO ALIMENTAR

Dando sequência à análise, observemos o Fragmento 2, composto por 5 segmentos discursivos, extraídos do segundo encontro/episódio da série:

#### **Fragmento 2**

**[Giovana]** Quando eu emagreci, depois da cirurgia, eu saía com o Alexandre eu não via mais aqueles... Aqueles olhares das pessoas se perguntando: “o que que ele tá fazendo com ela?” Porque, as pessoas, acham que é um desperdício, um cara magro tá com uma mulher gorda. Porque que chegam e dizem para você: “ah é só emagrecer”, “fecha a boca que emagrece”, como se fosse uma coisa simples, né? Quem é que vai chegar para um... sei lá, pra um alcoólatra, pra um fumante, e vai falar isso para pessoa.

**[Caio]** Então para você a comida é um vício, uma... Uma dependência, é isso?

**[Giovana]** Eu me sinto meio suja. Eu sempre tomo um banho depois dessas crises.

**[Caio]** [Suspiro] Bem, um alcoólatra. Um fumante, eles podem ser radicais, né? Cortar... cortar a bebida, cortar o cigarro, por mais que seja difícil. Agora, a comida é essencial. Não dá pra cortar, você tem que aprender a ter uma nova postura diante dela, ressignificar o que ela representa. E pra isso, você tem que descobrir o que ela representa. Você me entende?

**[Giovana]** Eu não posso morrer antes de ter vivido, tem muita coisa que eu ainda quero fazer. [Suspiro] Eu tenho uma lista de coisas que eu escrevi pra fazer quando eu emagrecer.

Nos enunciados, destacados no fragmento 2, podemos observar que a paciente Giovana, para combater a obesidade, fez uma cirurgia bariátrica, que revela uma nova posição enunciativa ao se deparar com as reações das pessoas: “Quando eu emagreci, depois da cirurgia, eu saía com o Alexandre eu não via mais aqueles... Aquelos olhares das pessoas se perguntando: ‘o que que ele tá fazendo com ela?’. Ao relatar a reação das pessoas, mostra seu estranhamento ao terapeuta: “Porque, as pessoas, acham que é um desperdício, um cara magro tá com uma mulher gorda. Porque que chegam e dizem para você: ‘ah é só emagrecer’, ‘fecha a boca que emagrece’, como se fosse uma coisa simples, né? Quem é que vai chegar para um... sei lá, pra um alcoólatra, pra um fumante, e vai falar isso para pessoa”. Tal estranhamento se materializa tanto na observação do casal gorda (mulher) e magro (homem) quanto nas cobranças pelo emagrecimento da mulher.

Quanto ao casal, ao destacar que as pessoas “acham que é um desperdício um cara magro tá com uma mulher gorda”, podemos observar o reflexo e a refração do signo ideológico desperdício, que, em termos dialógicos, se por um lado, remete ao sentido de consumo (sociedade neoliberal, consumista etc.), por outro, revela a discriminação ao corpo gordo, no caso uma mulher, que é preterida na relação. Quanto à sociedade de consumo, vemos o horizonte ideológico amplo sustentando o corpo magro enquanto objeto de desejo e de consumo. Em termos de cobranças sociais, observam-se vozes massificadas, como é o caso de “fecha a boca que emagrece”, como se a obesidade fosse facilmente combatida e dependesse exclusivamente da diminuição da ingestão de alimentos.

No desenvolvimento da reflexão, a paciente Giovana dimensiona na sua fala “Quem é que vai chegar para um... sei lá, pra um alcoólatra, pra um fumante, e vai falar isso para pessoa”. Percebemos, em seu dizer, um alinhamento com dependentes de álcool e de fumo, o que, de certo modo, pode ser visto como um coral de apoio para se autodefinir e para se defender – “o ‘eu’ pode se realizar na palavra apenas apoiando-se no nós” (VOLÓCHINOV, 2019, p. 121). Em suma, o coral de apoio determina o

direcionamento axiológico da enunciação, “A entonação criativamente produtiva, segura e rica é possível apenas com base em um ‘coro de apoio’ pressuposto” (VOLÓCHINOV, 2019, p. 124), visto que só se valora a partir do que é socialmente sabido e avaliado. Volóchinov (2019) afirma que não só o posicionamento do falante sobre o que é enunciado é dado em face ao apoio coral, mas também o próprio discurso, sua estrutura. A materialidade discursiva revela, pois, relação dialógica com pessoas viciadas em álcool e fumo, como um apoio coral ao distúrbio alimentar de Giovana.

As relações dialógicas empreendidas nos enunciados de Giovana suscitam movimentos de alteridade na relação paciente-analista, materializados na posição enunciativa expressa na pergunta-resposta do terapeuta: “Então para você a comida é um vício, uma... Uma dependência, é isso?”. A pergunta, enquanto movimento retórico inscrito no enunciado, responde à posição enunciativa que Caio interpreta a partir dos enunciados de Giovana, bem como insta por respostas. A suspensão do discurso, à espera da reflexão da paciente, materializa uma "cena" enunciativa que contrasta a comida-para-os-outros – sendo "os outros" o signo condensador das vozes sociais associadas ao vício – com a “comida-para-Giovana”. O sentido ideológico de "comida", a ser cocriado na resposta da paciente ao terapeuta, pode exemplificar o espaço privilegiado, na sessão de terapia, para a ressignificação de pontos de vista – a qual se desenvolve tanto na resposta à multiplicidade de vozes sociais que formam a nossa história de vida (relações dialógicas), quanto na resposta ao terapeuta (relação alteritária mais imediata).

O enunciado “Então para você a comida é um vício, uma... Uma dependência, é isso?” remonta à compulsão alimentar da paciente, já que ela se equipara a pessoas com dependência de álcool e de fumo. O signo ideológico vício, no enunciado em foco, é atravessado por fios ideológicos e dialógicos, cuja explicação de Volóchinov nos ajuda a compreendê-lo: “as palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 242). Giovana, na interação empreendida com o terapeuta, afirma: “Eu me sinto meio suja. Eu sempre tomo um banho depois dessas crises”. A posição assumida pela paciente é de alguém que, ao comer, faz algo que não deveria fazer. O fato de não conseguir resistir à compulsão alimentar gera um desprezo por si própria: um sentimento de estar “suja”. Esse sentimento, ao ser confessado ao outro em forma de queixa, revela o peso do olhar alheio refrangido em nossas próprias pupilas, visto que Giovana não quer se sentir "suja-para-os-outros"; quer limpar-se, para não sofrer sanção social daqueles que estão "limpos". Tal postura é justificada quando afirma tomar banho depois das crises

como forma de se higienizar – mais uma vez, "limpando" de si uma característica que não pode circular no espaço social comum. Sob outra lógica, é como se a crise alimentar "não coubesse" a uma mulher que vive em sociedade, assim como o gordo "não cabe" nas poltronas de avião, "não passa" nas catracas. É preciso limpar-se, porque o corpo gordo "não passa" incólume, "não tem cabimento".

A posição enunciativa assumida pela paciente é confrontada pelo terapeuta Caio, que, ao suspirar – lembrando que o suspiro, o gesto do corpo, também é um componente do sentido, metáfora gestual e entoacional, segundo Volóchinov (2019) –, reflete: “Bem, um alcoólatra. Um fumante, eles podem ser radicais, né? Cortar... cortar a bebida, cortar o cigarro, por mais que seja difícil. Agora, a comida é essencial. Não dá pra cortar, você tem que aprender a ter uma nova postura diante dela, ressignificar o que ela representa. E pra isso, você tem que descobrir o que ela representa. Você me entende?”. Nessa relação de alteridade entre o eu e o outro, em que paciente e terapeuta entram em embate, o terapeuta convoca uma nova tomada de posição da paciente ao mostrar que os viciados em álcool e em fumo podem cortar o vício radicalmente, o que não acontece com a comida. Retomando a retórica discursiva de prestar uma contrapalavra responsiva – escuta ativa – e, logo após, urgir por respostas da paciente, revela como as relações alteritárias amplas entre paciente e os outros (sociedade), entrecruzadas na e pela relação alteritária mais imediata entre paciente e terapeuta, ancoram a dialogização de vozes sociais, sem as quais a ressignificação de situações vivenciais não ocorre. Poderíamos pensar, ainda, que, respondendo ao terapeuta, Giovana encontra a coragem de, paulatinamente, responder à sociedade. Curar-se é tornar-se *mais* respondente.

Em tal reflexão, não podemos deixar de considerar, a partir do processo de representação social inscrito no episódio, a hibridização de gêneros e esferas diferentes, sessão de terapia/esfera clínica e séria televisiva/esfera midiática. Nessa hibridização, ocorre “a mistura de acentos” (BAKHTIN, 2015, p.107) e formas discursivas reconhecidas das práticas sociais. Há, por exemplo, forte diálogo com a esfera clínico-nutricional, a qual é relativizada (tendo em vista a refração, presente no discurso de Giovana, dos médicos não-incólumes à gordofobia), assim como reverberam vozes da esfera midiática, a partir da qual o termo "gordofobia" passou a adquirir sentidos militantes. Então, os enunciados analisados revelam-se representativos das sessões de terapia na vida e, ao mesmo tempo, midiáticos na arte, via série televisiva.

Nos enunciados do terapeuta, podemos perceber ênfases sociais no signo ideológico “comida”, ora acenando ao *alimento* necessário e saudável, ora ao *veneno*, ao

vício. Tal posição enunciativa abre-se à compreensão responsiva ativa da paciente no que se refere ao discernimento entre as diferentes dependências e o grau de dificuldade da compulsão alimentar, por se tratar de diminuir e não restringir a comida: “(...) a comida é essencial. Não dá pra cortar, você tem que aprender a ter uma nova postura diante dela, ressignificar o que ela representa”. A posição enunciativa do terapeuta, provocada pela relação de alteridade com a paciente, na arquitetura valorativa concreta, abre uma perspectiva para que Giovana ressignifique o que a comida representa, como forma de enfrentar a compulsão alimentar. Essa ressignificação na teoria dialógica ocorre pela assimilação, reacentuação e reelaboração da palavra do outro – nos excertos analisados, enunciativamente materializada nos signos ideológicos que enfocamos –, fundamental para a transformação subjetiva (intersubjetiva), para o reconhecimento de si na sociedade via práticas discursivas. Sobre o embate de ênfases, Volóchinov suscita:

Essa alteração da ênfase valorativa da palavra em diferentes contextos é totalmente ignorada pela linguística e não encontra nenhuma expressão na doutrina da unidade da significação. Essa ênfase dificilmente pode ser substancializada, entretanto é justamente a pluralidade enfática da palavra que a torna viva (VOLÓCHINOV, 2018, p. 197).

Os processos de renovação do sentido ideológico dos signos resultam dos momentos de tensão/desestabilização ideológica de uma coletividade. Pensando o par terapêutico como um princípio de coletividade (já que o heterodiscurso presentifica a sociedade, bem como a história intersubjetiva da paciente), as tensões entre posições subjetivas na terapia *promovem* um ambiente ideológico (e axiológico) propício à ressignificação. Em relação a isso, Volóchinov explica que:

Isso resulta em um embate incessante de ênfases em cada elemento semântico da existência. Na composição do sentido não há nada que esteja acima da formação e independente da ampliação da dialética do horizonte social. A sociedade em formação amplia a sua percepção da existência em formação. Nesse processo não pode haver nada de absolutamente estável. Por isso, a significação – elemento abstrato e idêntico a si – é absorvida pelo tema e dilacerada por seus conflitos vivos, para depois voltar como uma nova significação com a mesma estabilidade e identidade transitórias (VOLÓCHINOV, 2018, p. 238).

No desenvolvimento da interação na sessão de terapia, protagonizada pela relação eu e outro, paciente e terapeuta, percebemos a acentuação valorativa do signo ideológico “morrer” no enunciado-resposta de Giovana: “Eu não posso morrer antes de ter vivido,

tem muita coisa que eu ainda quero fazer. [Suspiro] Eu tenho uma lista de coisas que eu escrevi pra fazer quando eu emagrecer”. O signo ideológico “morrer”, além de dialogar com o medo de morrer, tratado no fragmento 1, reflete e refrata uma paciente que transita entre os desejos da vida e o medo da morte. Para cumprir os desejos da vida, fez uma “lista de coisas” a serem realizadas após o emagrecimento, o que mostra ser a compulsão alimentar, por um lado, um empecilho para o seu bem viver e, por outro, uma ameaça de morte.

Para a paciente/personagem da série, “Estar vivendo enquanto obesa”, nesse sentido, é ter de enfrentar duas vozes em tenso diálogo: as que discriminam (a voz reelaborada do outro, que a faz se sentir suja) e as que eliminam (a voz reelaborada do outro, que faz achar que vai morrer). No movimento alteritário entre a paciente e o terapeuta, ela vai reelaborando o seu modo de ser e de se ver mundo com um eu-para-mim singular, via provocações discursivas do outro (terapeuta) na arquitetônica valorativa concreta, cujos atos éticos, responsáveis e responsivos, são únicos, embora heterogeneamente marcados por diferentes fios dialógicos.

Passemos à análise do Fragmento 3, relativo a estereótipos que são reproduzidos na sessão de terapia.

### 3.3 VOZES QUE REPRODUZEM ESTEREÓTIPOS

Dando sequência à análise, observemos o Fragmento 3, composto por 4 segmentos discursivos, extraídos do terceiro encontro/episódio da série:

#### **Fragmento 3**

**[Caio]** O que me chama atenção é você falar que o seu pai te admira, quando você não se admira. E você não se admira quando come demais. Você sente que está no corredor da morte. Comer demais te coloca nesse corredor.

**[Caio]** Giovana, tentar entender por que você faz isso... é mais importante do que entender por que o seu pai te admira nas horas erradas.

**[Giovana]** Eu não quero viver pra comer... Eu quero comer para viver...e só.

**[Caio]** Você diz que quer comer pra viver. Mas você consegue entender que tá fazendo justamente o oposto?

No fragmento 3, os enunciados nele presentes permitem-nos inferir um dos traços estilísticos da interação discursiva na sessão de terapia, que, de certa forma, incentiva/força o sujeito a colocar-se para si mesmo e para o outro na/pela linguagem: o analista projetar-se na posição enunciativa de “perguntador”, e não como “solucionador” das questões que o paciente traz. Podemos verificar isso quando Caio menciona “O que me chama atenção é você falar que o seu pai te admira, quando você não se admira.” O movimento de alteridade, promovido pela relação eu e outro, mostra um terapeuta que se aproxima da paciente pra, provocando-a, pensar com ela e não longe dela. Da mesma forma, no trecho em que Caio pergunta “Giovana, tentar entender por que você faz isso... é mais importante do que entender por que o seu pai te admira nas horas erradas”, ele tenta mostrar para Giovana, através do seu papel como terapeuta, a importância de se (re)conhecer, suas ansiedades e motivos que a provocam. Nesse movimento gerador do excedente de visão necessário, espera-se que a paciente ocupe uma posição valorativa em relação a si mesma, de modo a entender-se sob outro ponto de vista, provocado pelo terapeuta.

No desenvolvimento da interação discursiva, Giovana reage às palavras do terapeuta: “Eu não quero viver pra comer... Eu quero comer para viver...e só.” Percebemos, nessa relação eu e outro, que a posição assumida pela paciente apresenta uma tensão alteritária constitutiva, *em processo de mudança*, mas ainda internamente excludente: Giovana viva, que quer fazer coisas, difere da Giovana “morta”, gorda – pois só a Giovana magra pode cumprir os planos futuros. Pelo menos, uma parte se reconhece como viva e tem esperanças, sonhos, mesmo que essa parte não se identifique com a condição atual.

Nesse movimento alteritário de posições enunciativas, percebemos um jogo dialógico de vozes que remetem a representações cristalizadas relativas ao que significa ser gordo, sem reconhecer sua singularidade na arquitetura valorativa concreta. São estereótipos que, seguindo Amossy e Pierrot (2022, p. 35), respondem “ao processo de categorização e de generalização”, simplificando o real e provocando “uma visão esquemática e deformada do outro”, própria dos preconceitos. Os enunciados de Giovana evocam essas imagens preconcebidas, estereotipadas e cristalizadas do corpo gordo, como vemos desde o Fragmento 1, quando, por exemplo, relatou seus anseios frente à catraca, à poltrona do avião, ao aparelho de ginástica. Seu medo reproduz o olhar esquemático de quem não vê o outro em sua integridade. Também, no Fragmento 2, Giovana refere-se ao olhar viciado de quem é intolerante, de quem não respeita as

individualidades e reproduz preconceitos via frases prontas: “ah é só emagrecer”, “fecha a boca que emagrece”. Esse embate é reiterado no Fragmento 3, “Eu não quero viver pra comer... Eu quero comer para viver... e só”, em que observamos o diálogo com a imagem coletiva de que quem é gordo vive para comer, como se sua existência pudesse ser reduzida à comida, dela retirando o caráter evêntico, inconcluso, inacabado. Ou seja, as vozes que estereotipam também desumanizam. O impacto das representações estereotípicas, de acordo com Amossy e Pierrot (2022, p. 48), “resulta poderoso não só no caso de grupos dos quais se tem um conhecimento efetivo, mas também no caso daqueles com os quais se tem um contato cotidiano ou aos quais pertence”. A estereotipia configura-se como grosseira e rígida, com tendência a uma visão pejorativa.

Na relação eu e outro, própria dos movimentos alteritários, percebemos que os embates dialógicos de vozes que propagam estereótipos e alimentam anseios e frustrações de Giovana provocam a reação-resposta do terapeuta, que procura, por um lado, mostrar os pontos positivos da paciente (“Giovana, você me disse que é uma excelente vendedora. O que que faz você se destacar? Que... que habilidades são essas que fazem você ser tão boa assim em convencer alguém e ser a melhor vendedora?” (Fragmento 1); “O que me chama atenção é você falar que o seu pai te admira, quando você não se admira. E você não se admira quando come demais. Você sente que está no corredor da morte. Comer demais te coloca nesse corredor.” (Fragmento 3) e, por outro, provocá-la a se ver de outro modo:

Por que a opinião das pessoas sobre a sua aparência importa tanto pra você? Você tá falando de rótulos, estereótipos... Giovana, você me disse que é uma excelente vendedora. O que que faz você se destacar? Que... que habilidades são essas que fazem você ser tão boa assim em convencer alguém e ser a melhor vendedora? (Fragmento 1).

[Suspiro] Bem, um alcoólatra. Um fumante, eles podem ser radicais, né? Cortar... cortar a bebida, cortar o cigarro, por mais que seja difícil. Agora, a comida é essencial. Não dá pra cortar, você tem que aprender a ter uma nova postura diante dela, ressignificar o que ela representa. E pra isso, você tem que descobrir o que ela representa. Você me entende? (Fragmento 2).

Você diz que quer comer pra viver. Mas você consegue entender que tá fazendo justamente o oposto? (Fragmento 3).

As posições enunciativas assumidas pelo terapeuta nas relações de alteridade mostram o movimento de empatia em relação à paciente, o qual é responsável por destacar, singularmente, aquilo que somente o olhar amorosamente interessado é capaz



de perceber: "[...] somente uma atenção amorosamente interessada, pode desenvolver uma força muito intensa para abraçar e manter a diversidade concreta do existir, sem empobrecê-lo e sem esquematizá-lo" (BAKHTIN, 2017, p. 128). O movimento empático amorosamente afirmado, realizado pelo terapeuta, é capaz de provocar a elaboração do *novo*, do diferente, nutrido tanto na relação alteritária do par terapêutico, quando na dialogização de vozes sociais. Tal movimento traz à existência "algo que não existia nem no objeto da empatia, nem em mim antes do ato da empatia, e o existir evento se enriquece deste algo que é realizado, não permanecendo igual a si mesmo" (BAKHTIN, 2017, p. 62).

A empatia, seguido do movimento de exotopia, gerador do excedente de visão necessário para ajudá-la nas suas dores. Com esses movimentos alteritários, a paciente é provocada a se ver diferentemente a partir do olhar do outro na arquitetônica valorativa. O eu-para-mim (Giovana-para-si) é instigado a se (re)conhecer como singular, único, no e pelo discurso, via relação eu e outro, não mais a partir de generalizações que não consideram o ato ético em sua inteireza. Nesse encontro alteritário, há uma participação responsável que implica o outro em sua plenitude, não a partir de estereótipos distanciadas da realidade. Para Bakhtin (2017, p. 42), "Somente na sua totalidade tal ato é verdadeiramente real...", ou seja, a arquitetônica é vista como a totalidade da experiência de participação do eu com o(s) outro(s) em suas múltiplas valorações.

No Fragmento 3, quando o terapeuta confronta Giovana, "Você diz que quer comer pra viver. Mas você consegue entender que tá fazendo justamente o oposto?", observamos que o signo ideológico "comer para viver", contrapõe o medo que ela tem de morrer, tratado nos fragmentos 1 e 2, já que reflete e refrata os desejos da vida, o medo da morte e o quanto esses conflitos internos são sociais para Giovana. Suas questões, além de corresponderem aos conflitos vividos em uma sociedade gordofóbica, guardam um histórico de relações interpessoais também marcadas pela gordofobia, visibilizadas seja na esfera clínica, seja na midiática, que se entrelaçam na presente reflexão.

Passemos à discussão dialógica relativa às análises efetuadas.

#### 3.4 DISCUSSÃO DIALÓGICA SOBRE AS ANÁLISES DAS SESSÕES DE TERAPIA

Sobre a análise dos três fragmentos, não podemos deixar de considerar a imbricação entre gêneros e esferas. Nosso corpus não permite analisar uma sessão de terapia

convencional como “pequeno acontecimento social” (VOLÓCHINOV, 2017), mas faz parte de uma série, cujo objetivo principal é entretenimento (esfera midiática). Portanto, consideramos como um pequeno acontecimento social representado, afigurado, ficcionalizado. Não se trata de uma sessão concreta, da esfera clínica, mas sim da midiática/entretenimento. Isso mostra quais temas povoam a ideologia do cotidiano, como a gordofobia. Enfatizamos que a série busca, acima de tudo, a empatia e a adesão do telespectador sendo contrária à gordofobia e prospectando um telespectador que se engaje nessa problematização, identificando-se com a causa e propalando um olhar em defesa da diversidade humana.

Na produção dos enunciados destacados nos fragmentos 1, 2 e 3, vemos como a produção das palavras causam um certo efeito sobre a paciente, criando uma proposta de construção do *novo*, do *diferente* na análise pelo viés da alteridade, pela categoria do *outro*. Nas sessões de terapia, trata-se bem mais de múltiplas construções, das quais surge a multiplicidade de sentidos que caracterizam a história sobre a paciente. “O termo pode ser entendido como a última palavra, mas em um sentido especial: uma palavra que é termo, mas não necessariamente completude e totalidade. Mesmo que ofereça para o analisando um certo modo outro de compreensão de si mesmo, essa última palavra não fará fixar esse “si-mesmo”, nem o definirá propriamente” (CELES, 2005, p. 42). Sendo assim, toda palavra, na fala real, sem exceção, possui um acento de valor ou apreciativo determinado, assim como todo enunciado compreende, em primeiro lugar, uma orientação apreciativa.

Para o entendimento do sentido da palavra, recorremos a Volóchinov (2018), para quem o signo possui uma mobilidade específica: ele vai ser “ocupado” ideologicamente pelo sujeito que o emprega, a partir de diferentes pontos de vista. O signo ideológico, quando se torna o próprio tema da interação discursiva, pode ser um espaço de encontro alteritário, de ressignificação, de autopercepção a respeito do sentido refratado para si (que está sendo, mas não precisa ser sempre o mesmo). O encontro que ocorre, além daquele entre paciente e terapeuta, é o de vozes sociais, as quais se dialogizam na busca pela palavra própria. Em verdade, tal dialogização é *condição* para o surgimento da palavra própria, a qual, ao responder a temas traumáticos, se constrói *no* e *pelo* contato humano, fundado em uma arquitetônica amorosamente interessada. O signo ideológico, portanto, é muito mais do que uma forma linguística; trata-se, antes, de um espaço de constituição de sujeitos, sendo, ao mesmo tempo, palavra própria e alheia:

Desse modo, o aspecto constitutivo da forma linguística enquanto signo não é a sua identidade a si como um sinal, mas a sua mutabilidade específica. O aspecto constitutivo na compreensão da forma linguística não é o reconhecimento do ‘mesmo’, mas a compreensão do sentido exato dessa palavra, isto é, a sua orientação em dado contexto e em dada situação, orientação dentro do processo de constituição e não ‘orientação’ dentro de uma existência imóvel (VOLÓCHINOV, 2018, p. 179).

Com efeito, o signo possui uma mobilidade específica: ele vai ser “ocupado” ideologicamente pelo sujeito que o emprega, a partir de diferentes pontos de vista. Em nosso caso, isso ocorre, por exemplo, no momento em que o terapeuta questiona um signo que a paciente utilizou para se autorretratar. Sendo assim, pode ser um espaço de encontro alteritário, de ressignificação, de autopercepção a respeito do sentido refratado para si (o qual não precisa ser sempre o mesmo, podendo se renovar no encontro com o outro). Além do mais, comprova que o material semântico da palavra compõe a consciência, e que a mudança desse material semântico pode exercer uma influência inversa no psiquismo. “Por sua vez, a expressão realizada exerce uma potente influência inversa sobre a vivência: ela começa a penetrar na vida interior, dando-lhe uma expressão mais estável e definida” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 212). Além do mais, comprova que essa mudança não ocorre individualmente, mas precisa da interação discursiva, do outro, da sociabilização dos conteúdos ideológicos que povoam as consciências.

Nas interações discursivas das sessões, há a presença, por exemplo, no primeiro fragmento, de uma pergunta bivocal “Porque a opinião das pessoas sobre a sua aparência importa tanto para você?”, tal pergunta pode ser endereçada ao terapeuta, a si mesma ou ao superdestinatário – as pessoas que chamam Giovana de gorda, a sociedade. Em todos os fragmentos analisados, há marcas da alteridade constitutiva da identidade (BUDNOVA, 2013), tanto a alteridade imediata (Giovana para o terapeuta), quanto as menos imediatas (Giovana para a sociedade/ Giovana para Alexandre).

É válido ressaltar, como nota Bubnova (2013, p. 10), que a constitutiva relação eu-outro não usurpa o sujeito de sua singularidade, mas, pelo contrário, “implica uma profunda personalização dos sujeitos em interação”, dado que a faceta ética e responsável do ato assegura que o sujeito se torne um em resposta a outros. (MOLL; DI FANTI, 2022, p. 10)

Quando a personagem Giovana fala que se sente “meio suja” e que sempre “toma um banho depois das crises”, existe uma (tensão de valores na arquitetura da sessão: Giovana-para-Caio: “vício” e “dependência”, sem moralidade; Giovana-para-si: “suja”, moralidade). Também nesse fragmento, na conversa entre as personagens, a comunicação

dialógica se apresenta como uma construção arquitetônica no momento que Caio cita que um alcoólatra, um fumante, eles podem ser radicais. Quando o terapeuta menciona: “Cortar... cortar a bebida, cortar o cigarro, por mais que seja difícil. Agora, a comida é essencial”. Caio enfatiza para Giovana que ela tem que aprender a ter uma nova postura (papel do terapeuta, específico desse papel social, é convidar o paciente a ocupar uma posição arquitetônica outra em relação a si mesmo; entender-se sob outro ponto de vista), ressignificar o que ela representa. Assim como explica Bakhtin:

As relações dialógicas são irreduzíveis às relações lógicas ou às concreto-semânticas, que por si mesmas carecem de momento dialógico. Devem personificar-se na linguagem, tornar-se enunciados, converter-se em posições de diferentes sujeitos expressas na linguagem para que entre eles possam surgir relações dialógicas. (BAKHTIN, 2010d, p. 209-210).

Como descreve Bakhtin, as relações dialógicas são a condição de existência e construção de sentido, ganhando vida no ser em interação, nas relações entre enunciados – e, se o discurso interior é ideológico, entre sujeitos e consolidam a arquitetônica da obra ressaltando sua unicidade. “Somente quando contrai relações dialógicas essenciais com as ideias dos outros é que a ideia começa a ter vida” (BAKHTIN, 2010, p. 96). Além disso, para o filósofo russo, existe um movimento de alteridade ao redor de dois centros de valores, do eu e do outro, “diferentes por princípios, mas correlatos entre si” (BAKHTIN, 2017, p.142).

Além do que é apresentado sobre os valores na arquitetônica das sessões: Giovana-para-Caio; Giovana-para-si, há uma tensão alteritária, que acontece quando a personagem manifesta o medo de morrer sem antes de ter vivido, chegando a fazer uma lista de coisas que deseja fazer quando emagrecer. A tensão do sintoma como outro de si mesmo: é motor para a vida (quero melhorar), mas há uma tentação de morte (não quero morrer, mas entendo que isso pode me matar).

Rememorando que a nossa questão norteadora é sobre como se constroem as posições enunciativas na interação paciente e terapeuta na série televisiva *Sessão de Terapia*, observando relações dialógicas e alteritárias nos possíveis caminhos de cura, podemos refletir a partir do nosso objeto de estudo que é na especificidade da interação discursiva na arquitetônica do gênero discursivo sessão de terapia que se encontra a possibilidade de ocupar uma outra posição arquitetônica em relação a si mesmo (e ao outro).

Dadas essas análises, passemos às *Considerações finais*, nas quais estão uma recapitulação do que foi desenvolvido, considerando que não se esgotam as possibilidades interpretativas do material desta pesquisa, uma vez que a partir das contribuições do círculo de Bakhtin, como metodologia de pesquisa, desde a produção da materialidade, acompanhando-nos em nossos estudos e nossas buscas por percursos estimulados por nossas intuições, impressões presentes em excedentes de visão, no encontro com outros, de nós mesmos e de outros, torna-se ela mesma um acontecimento singular e produtor de conhecimentos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*É necessário ir além do dito, do visível, observando que há uma tensão entre o que é mostrado e o que não é aparente, mas decisivo para produção de sentidos.*

*(Maria da Glória Corrêa di Fanti)*

Ao longo desta pesquisa, preocupamo-nos em realizar a observação da construção das posições enunciativas na interação paciente e terapeuta na série televisiva *Sessão de Terapia*, observando relações dialógicas e alteritárias nos possíveis caminhos de cura. Essas reflexões são importantes no intento de compreender a emergência do encontro entre os sujeitos nas sessões de terapia.

A questão norteadora proposta para esta pesquisa foi: como se constroem as posições enunciativas na interação paciente e terapeuta na série televisiva *Sessão de Terapia*, observando relações dialógicas e alteritárias nos possíveis caminhos de cura? Assim, nosso objetivo foi investigar a construção das posições enunciativas na interação paciente e terapeuta na série televisiva *Sessão de Terapia*, observando relações dialógicas e alteritárias nos possíveis caminhos de cura?

No que tange aos objetivos específicos, buscou-se, por sua vez, (i) verificar como se instauram e se ressignificam as posições enunciativas nas interações terapêuticas, tendo em vista a diversidade de diálogos de vozes que atravessam o discurso nas sessões de terapia; e (ii) analisar as relações de alteridade nas interações paciente e terapeuta nos episódios selecionados da série *Sessão de Terapia*, observando a projeção dos lugares ocupados na vida familiar e social pela paciente. Para o desenvolvimento dos objetivos propostos, foram seguidos os seguintes procedimentos metodológicos: no que tange à coleta, realizou-se a transcrição dos áudios presentes nos episódios da quinta temporada da série *Sessão de Terapia*, especificamente nas sessões da paciente/personagem Giovana, para assim fazer um levantamento desses discursos e uma posterior análise dos enunciados.

Na Introdução, intitulado *Um Discurso Introdutório* apresentamos à escolha do objeto da presente análise, depois o recorte do objeto e a seleção de qual temporada seria analisada, com uma breve apresentação da série *Sessão de Terapia*.

No primeiro capítulo, nomeado como *Percurso Teórico: Vozes Bakhtinianas*, apresentamos os pressupostos teóricos do Círculo de Bakhtin que deram suporte à dissertação: signo ideológico, valoração e heterodiscurso, enunciado concreto, compreensão responsiva e gêneros do discurso, sujeito, relações dialógicas e relações alteritárias na arquitetura valorativa.

No segundo capítulo, intitulado *Contextualização e procedimentos metodológicos*, apresentamos sobre o gênero discursivo “série televisiva”, além de uma investigação teórica que se valeu de pesquisa bibliográfica e de cotejo entre os textos do círculo de Bakhtin, apresentamos também algumas informações sobre a série *Sessão de Terapia*, bem como dos procedimentos de coleta e escolha do material para a análise.

Dando seguimento, no terceiro capítulo – *A construção das posições enunciativas à luz de relações dialógicas e alteritárias na série televisiva sessão de terapia* –, procuramos, com auxílio dos conceitos bakhtinianos, analisar os enunciados transcritos das sessões de terapia da paciente/personagem Giovana. Neste capítulo, foram desenvolvidas as análises da interação discursiva entre paciente e terapeuta, observando as construções das posições enunciativas à luz das relações dialógicas e alteritárias.

Neste trabalho, propomos delinear os possíveis caminhos de cura, na qual “cura” acena às formas ideológica e axiologicamente de produção semântica no e pelo discurso (signo ideológico, discurso interior e exterior e enunciado). A dinâmica dos possíveis caminhos de cura fora prospectada, no gênero discursivo sessão de terapia; a partir de dinâmicas dialógicas e alteritárias, firmadas enunciativamente, entre paciente e terapeuta. Durante a escrita desta dissertação, foi apresentado que o sujeito que fala na terapia é um sujeito forjado no social e no discurso, que se vale das condições sociológicas e discursivas para enriquecer-se no encontro com o outro.

Em resposta a nossa pergunta norteadora, entendemos que as posições enunciativas entre paciente e terapeuta se constroem através de um processo de encontro com o outro como resgate do *eu*, constituído pelo *nós*. Por um viés dos escritos do círculo de Bakhtin, observamos o papel ativo da relação eu-outro no ato de responder ao discurso do terapeuta, sendo o paciente, um sujeito ético, responsivo, responsável e permeado por vozes sociais.

Nos trechos analisados dos episódios, temos à intervenção do terapeuta, a qual a paciente/personagem reacentua e elabora nas suas respostas, as reflexões a partir da vivência na e pela reação à palavra do outro. Assim, ela cria a possibilidade de assumir novas posturas autorais e singulares frente a enunciados que, em outros gêneros do

discurso, não se verbalizariam com tamanha autonomia e confiança. Nisso, o terapeuta destina, com sua palavra, o acabamento relativo ao diálogo travado na sessão, convidando o processo interno de dialogização por parte da paciente a se presentificar na troca enunciativa. Ao mesmo tempo, o terapeuta é a força concreta que convida ao diálogo interior, animando a verbalização, a participação na função social terapêutica do diálogo exterior travado. Por isso, Ricoeur (2010) entende a elaboração nas sessões como um contínuo e infindo processo de narrar a própria vida a si mesmo e ao outro:

Pode-se até dizer então que o paciente é, ao mesmo tempo, ator e crítico de uma história que ele é, para começar, incapaz de narrar. O problema do autorreconhecimento é o da reconquista do poder de narrar sua própria história, do poder de continuar infatigavelmente a conferir a forma de uma história à reflexão sobre si mesmo. (RICOEUR, 2010, p. 49).

Retornando exotopicamente à nossa pergunta norteadora, como se constroem as posições enunciativas na interação paciente e terapeuta na série televisiva *Sessão de Terapia*, observando relações dialógicas e alteritárias nos possíveis caminhos de cura?, acentuamos que é o sujeito que passa por uma (trans)formação subjetiva no e pelo diálogo em sentido amplo, manifesto objetivamente em um diálogo face a face inscrito nas tipificações relativamente estáveis da interação discursiva dos gêneros, dentre eles, a sessão de terapia. O que remete ao que menciona Bakhtin, “Eu vivo em um mundo de palavras do outro. E toda a minha vida é uma orientação nesse mundo; é reação às palavras do outro [...]” (BAKHTIN, 2017c, p. 38), processo pelo qual não apenas elas são assimiladas, mas reelaboradas e reacentuadas.

No caso da paciente/personagem que constitui o objeto de nosso estudo, percebemos nas análises realizadas que há uma especificidade da interação discursiva na arquitetura do gênero discursivo sessão de terapia que encontra a possibilidade de ocupar uma outra posição arquitetônica em relação a si mesmo (e ao outro). Para que isso aconteça envolve o movimento de alteridade. Ainda, de acordo com Ponzio (2020), a rememoração implica o enfrentamento à alteridade material da memória (o outro que encontramos em nosso passado pela voz dos outros), assim como a possibilita conhecer-se diferentemente pelos narradores outros de nossa vida: “O recordar vem dos outros. É a relação com outros que abre à relação do sujeito com o fora do mundo e com a alteridade de seu corpo, da qual ao sujeito vem a recordação” (PONZIO, 2020, p. 231), sendo o corpo, a presença frontal com o outro uma das facetas da intercorporeidade dialógica



(PONZIO, 2019). O efeito do diálogo com o outro é o efeito da (re)criação da memória possível, encarnada na história de nossas vidas e de nossos corpos.

Logo, o pequeno acontecimento social da sessão de terapia, incentiva o diálogo do *eu* consigo mesmo e com o *outro*. É no centro desse diálogo que a assimilação, reelaboração e reacentuação das palavras alheias surgem na forma de uma resposta afirmada transformadora, realinhada a uma nova/outra necessitância do ser. A cura, então, em nenhum momento é quantitativa ou experimental; biológica ou subjetivista. Pelo contrário, é profundamente dialógica e, por isso, humana, alteritária e concreta.

Assim, este trabalho buscou, ao longo de seu desenvolvimento, adicionar mais um diálogo com a área da análise dialógica do discurso apresentando como as relações dialógicas e as relações de alteritárias na arquitetura valorativa organizam o sentido do objeto estético, seja ele um objeto de arte ou qualquer outro gênero discursivo da comunicação humana, como as sessões de terapia.

Percebeu-se, com isso, que inúmeras questões e problematizações de ordem textual, discursiva e sociológica podem emergir desse campo, cabendo a nós, enquanto sociedade, debatermos tais temas em todas as esferas. Consequentemente, a minha expectativa é que este trabalho coopere para a realização de futuras análises dialógicas do gênero discursivo abordado.

Dessa forma, acreditamos que as reflexões, advindas do conjunto da pesquisa, possam colaborar com o entendimento de como acontecem as interações terapêuticas na série *Sessão de Terapia*, tendo em vista os diversos embates de vozes que constroem as posições enunciativas e que constituem possíveis caminhos de cura nas sessões focalizadas.

## REFERÊNCIAS

- AMORIM, M. Para uma filosofia do ato válido e inserido no contexto. In: BRAIT, B. Bakhtin, dialogismo e polifonia. São Paulo: Contexto, 2015.
- AMOSSY, R.; PIERROT, A. H. Estereótipos e clichês. Coordenação da tradução de Mônica Cavalcante. Tradução de Alena Ciulla et al. São Paulo: Contexto, 2022.
- ARANTES, P. PESSÔA, M. (orgs.). Em discurso 4 – Pesquisar com gêneros discursivos: interpelando mídia e política. Rio de Janeiro: Cartolina, 2020.
- BAHLS, S.C.; NAVOLAR, A. B.B.; Terapia cognitivo-comportamental: conceitos e pressupostos teóricos. Revista Eletrônica de Psicologia, nº 4, Curitiba, jul. 2010. Acesso em 07 de out de 2022.
- BAKHTIN, Mikhail. O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária. In: BAKHTIN, Mikhail. Questões de literatura e de estética: A Teoria do Romance. Trad. Auror Fornoni Bernardini, José Pereira Júnior, Augusto Goés Júnior, Helena Spryndis Nazário e Homero Freitas de Andrade. São Paulo: Hucitec, 1988.
- BAKHTIN, Mikhail. Arte e responsabilidade (1919). In: BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. Trad. Paulo Bezerra. 6 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011a.
- BAKHTIN, Mikhail. O autor e a personagem na atividade estética (1922-1924). In: BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. Trad. Paulo Bezerra. 6 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011b.
- BAKHTIN, M. Questões de literatura e de estética: a teoria do romance. Tradução de Aurora Fornini Bernardini et al. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 2014 [1975].
- BAKHTIN, Mikhail. Teoria do Romance I: A estilística (1934 – 1935). Trad. Paulo Bezerra. 1 ed. São Paulo: Editora 34, 2015.
- BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso (1952 – 1953). In: \_\_\_\_\_. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016a.
- BAKHTIN, Mikhail. O texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas (1959 – 1961). In: BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016b.
- BAKHTIN, Mikhail. Para uma filosofia do ato responsável (1920 – 1922). Trad. Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. 3 ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017a.
- BAKHTIN, Mikhail. Por uma metodologia das ciências humanas (1974). In: BAKHTIN, M. Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2017b.
- BAKHTIN, Mikhail. Fragmentos dos anos 1970 – 1971 (1970). In: BAKHTIN, M. Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2017c.

- BAKHTIN, Mikhail. Problemas da poética de Dostoiévski (1963). Trad. Paulo Bezerra. 5 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2018a.
- BAKHTIN, Mikhail. Teoria do romance II: As formas do tempo e do cronotopo. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2018b.
- BAKHTIN, Mikhail. O homem ao espelho (1943). In: BAKHTIN, M. O homem ao espelho: apontamentos dos anos 1940. Trad. Cecília Maculam Adum, Marisol Barenco de Mello e Maria Letícia Miranda. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019.
- BARBOSA, Vanessa Fonseca; DI FANTI, Maria da Glória Corrêa. Notas sobre gêneros do discurso em Bakhtin, Volóchinov e Medviédev. In: ROCHA, D; DEUSDARÁ, B.;
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. O discurso intolerante na internet: enunciação e interação. XVII congresso internacional asociación de lingüística y filología de américa latina. João Pessoa - Paraíba, Brasil. 2014.
- BEZERRA, Paulo. (2015). Breve glossário de alguns conceitos-chave. In: BAKHTIN, Mikhail. Teoria do romance I. A estilística / Mikhail Bakhtin. Tradução, prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra. Organização da edição russa de Serguei Botcharov e Vadim Kójinov. São Paulo: Editora 34. p. 243-249.
- BUBNOVA, Tatiana. Voz, sentido e diálogo em Bakhtin. Trad. Roberto Leiser Baronas e Fernanda Tonelli. *Bakhtiniana*, v. 6, n. 1, p. 268-280. 2011
- BUBNOVA, Tatiana. O princípio ético como fundamento do dialogismo em Mikhail Bakhtin. Trad. Maria Inês Batista Campos e Nathália Salinas Polachini. *Revista Conexão Letras*, v. 8, n. 10, p. 9-18. 2013
- CELES, Luiz Augusto. Psicanálise é o nome de um trabalho. *Psicologia Clínica*, v. 17, n. 2, p. 157-171, 2005a
- CELES, Luiz Augusto. Psicanálise é trabalho de fazer falar, e fazer ouvir. *Psychê*, v. 9, n. 10, p. 25-48, jul. /dez. 2005b.
- DI FANTI, Maria da Glória Corrêa. Discurso, mídia e produção de sentidos: questões de leitura e de formação na contemporaneidade. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, RS*, v. 11, n. 2, p. 418-438. jul/dez. 2015.
- DI FANTI, Maria da Glória Corrêa. Notas sobre a alteridade em Bakhtin. In: PASCHOAL, C. et. al. (Org.). *Círculo de Bakhtin: alteridade, diálogo e dialética*. Porto Alegre: Polifonia, p. 7-28, 2020.
- DI FANTI, Maria da Glória Corrêa. A linguagem em Bakhtin: pontos e pespontos. *Veredas: Revista de Estudos Linguístico de Juiz de Fora*, v.7, n.1/n.2, p. 95-111, jan/dez. 2003
- DI FANTI, Maria da Glória Corrêa. Alteridade, dialogismo e dialética: a constitutiva e tensa relação com o outro. Projeto de pesquisa (PUCRS - CNPq), 2019.
- FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- GRILLO, Sheila. Esfera e campo. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012. p. 133-160.

KNOLL, Graziela Frainer. A teoria dialógica de Bakhtin na análise da publicidade: sustentabilidade e ato ético. Orientadora: Vera Lúcia Pires. 2013. Tese de Doutorado do curso de Letras, Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

MOLL, E., & DI FANTI, M. da G. (2021). Alteridade e terapia: um olhar bakhtiniano para o conceito de construção na psicanálise freudiana. *Revista Desenredo*, 18(1). <https://doi.org/10.5335/rdes.v18i1.12954>

NURC: Projeto NURC/SP - Núcleo USP, 2002. Página inicial. Disponível em: < <https://nurc.fflch.usp.br/>>. Acesso em: 25 de jan. de 2023.

PLANTULLO, Vanessa Santos Lentini. Pluralidade de conteúdo e Flexibilidade de tempo-espço: estudo sobre Netflix e a percepção do multivíduo. Orientador: Arlindo Ornelas Figueira Neto. 2016. Pós-graduação em Lato Sensu no Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo Universidade de São Paulo.

PONZIO, Augusto. A revolução bakhtiniana. São Paulo: Contexto, 2008.

PONZIO, Augusto. Palavra, matéria, alteridade. Trad. Nathan Bastos de Souza e Marisol Barenco de Mello. *Linguagem*, v. 36, p. 1-20, 2020a.

PIRES, V. L. DIALOGISMO E ALTERIDADE OU A TEORIA DA ENUNCIÇÃO EM BAKHTIN. *Organon*, Porto Alegre, v. 16, n. 32-33, 2002. DOI: 10.22456/2238-8915.29782. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/29782>. Acesso em: 17 fev. 2023.

QUEIROZ, Inti Anny. Arquitetônica, relações dialógicas e metalinguística: a base do pensamento bakhtiniano. *Linha D'água*, São Paulo, v. 33, n. 3, p. 55-78, 2020.

RIBEIRO, Kelli da Rosa. Bivocalização e plu-rivocalização no culto televisivo show da fé: tensão entre fé, Mercado e publicidade. 2015, 261 f. Tese (Doutorado em Letras). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

RIBEIRO, Kelli Machado da Rosa. A complexidade do encontro de esferas discursivas: o caso da mídia e da religião na contemporaneidade. *Desenredo*, v.13, n.1, p. 187/211, jan/abr. 2017.

RICOEUR, Paul. Escritos e conferências em torno da psicanálise (1). Trad. Edson Bini. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

SILVA, Fernanda Carrion da. O cis no divã: atravessamentos da cisnormatividade na formação e no treinamento da escuta clínica. Orientadora: Paula Sandrine Machado. 2019. Dissertação de Mestrado do curso de Psicologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

SOBRAL, Adail. Do dialogismo ao gênero: as bases do pensamento do círculo de Bakhtin. Campinas: Mercado de Letras, 2009.

VOLÓCHINOV, Valentin. O freudismo: um esboço crítico (1927). Trad. Paulo Bezerra. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 2017.

VOLÓCHINO V, Valentin. Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem (1929). Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Américo. São Paulo: Editora 34, 2018.

VOLÓCHINO V, Valentin. A palavra na vida e a palavra na poesia: para uma poética sociológica. In: VOLÓCHINOV, V. A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019.

## ANEXO A

### SESSÕES DE TERAPIA

#### SESSÃO 1

[Giovana] [Suspiro] Eu nunca sei como começar.

[Caio] Bom. Por que que você não começa me contando um pouco sobre você?  
Tem algum motivo específico pra você ter procurado a terapia?

[Giovana] Algum motivo específico, Caio? Cheia de motivo, que eu estou, cheia. Eu estou aqui porque eu preciso me livrar de tanto motivo. Eu já fiz de tudo pra emagrecer, o que você pensar aí, eu fiz dieta low carb, jejum intermitente, dieta do ponto, do ovo, vegana. Tomei laxante, remédio, tudo, tudo que você imaginar. Fiz a dieta da sopa, essa então, só de lembrar. Eu peguei pavor de aipo, que você come aipo pra caramba, a semana inteira, aí tem dia que libera uma banana, uma banana, aí tem um que você também pode tomar café com leite, só. [Riso curto] Eu fiquei um tempão [Riso] usando aqueles óculos de lente azul, sabe? É um óculos que a comida fica feia, e aí você não tem vontade de comer.

[Riso] Eu caí nessa.

[Suspiro] Não adianta, né? Você perder quilo e você continuar com cabeça de gordo. É super gordofóbica essa expressão, eu me sinto mal até de falar, mas eu sei o que ela quer dizer. Cabeça de gordo, gordice, olho gordo, péssimo isso, desculpa, tá?

[Caio] Olha, a gente deve se policiar, sim. Mas, Giovana, aqui, você não precisa se censurar, nem... nem é bom para o nosso trabalho.

[Giovana] Então, eu já fiz uma bariátrica, só que ela não deu muito certo.

[Caio] Uhum, e quando foi isso?

[Giovana] Uns quatro, quatro anos e meio.

[Caio] E teve alguma complicação na cirurgia?

[Giovana] A cirurgia em si deu super certo, eu emagreci pra caramba. Quase que eu chego no peso que eu queria. O que não deu certo é que... Eu engordei de novo. Por isso a segunda cirurgia.

[Caio] Essa cirurgia é muito delicada, muito invasiva, né? E é necessário um preparo grande. Você acha que esse é o único caminho?

[Silêncio]

[Giovana] Eu estou com medo.

[Silêncio]

Se eu não emagrecer, eu posso morrer.

[Giovana] Na minha primeira bariátrica eu estava muito gorda. A minha saúde nem era tão ruim assim. [Suspiro] Com certeza, tinha muita gente magra aí com a saúde bem pior que a minha.

[Suspiro] Era mais uma questão de estética mesmo, sabe? Vaidade. Lógico que também me incentivava a ter uma vida mais saudável, cuidar mais de mim. Só que agora ferrou tudo. Estou diabética. Meu colesterol tá lá em cima, estou com gordura no fígado, minha pressão, então, tá altíssima. Só que, ao mesmo tempo, eu estou anêmica. Esse é um dos efeitos da cirurgia, é que o organismo, ele absorve menos os nutrientes. Ou seja, Caio, tá tudo errado aqui dentro.

[Caio] Você falou que chegou no seu objetivo, né? Que emagreceu muito

[Giovana] É, eu fiquei uns dois anos ótima. Só que aí, de repente eu... não sei, desandou. Comecei a comer como se não houvesse amanhã.

[Caio] E aconteceu alguma coisa que pode ter sido o motivo desse descontrole?

[Giovana] Sim, né? Pra todo mundo aconteceu, com a pandemia. Era a desculpa que eu precisava pra me entupir de comida. Trancada dentro de casa, né?

[Riso Curto] Não, você não sabe o que foi o pior de tudo, eu voltei a morar com os meus pais.

[Caio] Quando você fez a bariátrica, você teve acompanhamento psicológico?

[Giovana] A gente tem que fazer vários exames pra ter autorização. Inclusive, tem que ter o laudo do psicólogo. Eu fiz isso tudo para primeira, agora eu tenho que repetir tudo pra segunda.

[Caio] Certo. Então você talvez tenha vindo até aqui para conseguir uma autorização? Um laudo?

[Giovana] Eu já fiz muita terapia na minha vida. A minha infância, eu já contei de cabo a rabo pra não sei quantos psicólogos, psicanalistas.

[Caio] Mas você não contou para mim. Me fala sobre a sua infância.

[Giovana] A minha infância foi ótima, sabia? Acho que foi a época mais bonita da minha vida.

[Giovana] Meus pais, ok, pessoas super simples. Mas sabe que eles eram super presentes, assim, participativos. Meu pai sempre foi meu parceiro, sabe? Eu ajudava na autopeça que ele tinha lá no Rio de Janeiro. Aliás, foi lá que eu percebi meu talento pra vendas. E

nem foi ninguém que me ensinou, eu sou uma vendedora...das boas. Eu vendo mala em Lockdown.

[Riso]

Aí, eu sempre fui alucinada por carro. Nem é coincidência que eu virei vendedora de carro, carro de luxo. Sabe como é que é, né?

Mulher e preta naquele espaço? Eu só estava lá porque eu era melhor mesmo, e eu ganhava uma grana com comissão. Pensa aí, um por cento, só que não é qualquer um por cento, é por cento de uma Ferrari, uma Lamborghini.

[Giovana] A única coisa que eu sei é que eu preciso emagrecer...

[Giovana] Com saúde. Pra sobreviver e pra ter a minha vida de volta.

[Caio] Como assim, ter a sua vida de volta?

[Giovana] É, eu... tive que parar. Me fizeram parar. Meu chefe me chamou um dia para conversar. Aí, veio com aquele papo de que eu tinha que evoluir, que já era hora de eu ocupar um cargo de liderança. Ele falou que se eu ficasse lá no salão, abrindo porta de carro, era pouco pra mim. A gente sabe bem porquê que ele fez isso, né? Não é legal ter uma pessoa como eu recebendo os clientes. A beleza é uma coisa poderosa, beleza vende.

[Caio] Então você tá me dizendo que uma pessoa que não é magra, não pode ser bonita?

[Giovana] Desde criança eu escuto que toda gorda odeia ouvir. "Nossa, como seu rosto é lindo". As pessoas... as pessoas falam como se fosse...como se fosse um desperdício aquele rosto em você.

[Caio] E você falou com seu chefe sobre isso, sobre o seu incômodo?

[Giovana] Eu nem estou fazendo a vítima não, tá? Eu entendo meu chefe. Não dá pra você ter uma pessoa vendendo o carro...

[Giovana] Que não consegue entrar e sair dele com facilidade.

[Caio] E desde que isso aconteceu você tá sem trabalhar?

[Giovana] Até parece que eu consigo, né? Eu fiz um curso de corretora de imóveis, casas são bem mais fáceis de entrar e sair, né? Vou te falar, eu até que estou me saindo bem. Sem falsa modéstia, tudo que eu me proponho a fazer, eu sempre sou a melhor. Eu sempre fui a melhor aluna, melhor vendedora. Adivinha quem já é a melhor corretora? Eu sempre fui a melhor mesmo. Acho que essa... Essa coisa de duvidarem de mim, acabou se tornando um estímulo, sabe? É um jeito de compensar. Sabe essa coisa de "é gay, mas não parece"? Ou então "é preta, mas tem traços finos" ou até quando falam que "é gorda, mas é competente". É mais ou menos nessa onda aí, por que podem me chamar do que quiser. Baleia, rolha de poço. Fazer uma cena fingindo que o chão tremeu quando eu passei. Estou tão acostumada. Agora me chamar de burra, incompetente ou pior, dizer que eu sou preguiçosa, aí não. Acho que a única coisa que eu não fiz direito na minha vida foi emagrecer. E é a única que pode me matar.



[Caio] Mas olha, com relação a emagrecer, você também tá agindo com perfeição, mas fazendo o oposto, você entende? Você me falou que tá com medo, mas, Giovana, o medo ele pode paralisar as pessoas, e no seu caso, isso não aconteceu. Você tá trabalhando, você quis fazer terapia, mesmo já tendo o laudo.

[Giovana] É tanto julgamento na gente, o tempo todo.

[Caio] Julgamento de quem?

[Giovana] Uma vez eu me matriculei numa academia e eu fiquei a noite inteira sem dormir. Pensava na cara dos atendentes olhando para mim ou então dos alunos, estava com medo mesmo de chegar e ter um aparelho muito fraco, que, de repente não ia aguentar meu peso, ia ser o maior vexame. Aí eu... aí eu cheguei na porta, eu dei de cara com uma catraca, mínima. Eu nem precisei entrar pra perceber que aquilo ali não era lugar pra mim. O mundo fala isso para gente o tempo todo, né? Se não é na catraca, é na poltrona do avião, no cinema, na loja que só vende até o "GG"

[Giovana] A verdade, Caio, é que eu sou muito medrosa.

[Caio] Medrosa... Uhum. É assim que você se vê?

[Giovana] [Estalo de Língua] Eu tinha uma amiga, que ela dizia que eu era a pessoa mais corajosa que ela conhecia. Isso tudo sabe por quê? Porque eu ia de biquíni pra praia. Coragem, Caio? Como se eu tivesse apagando incêndio? Por mais que aquele comentário tenha sido péssimo, porque era, ela me entendia, era exatamente assim que eu me sentia. Eu tinha que reunir toda minha coragem que eu tirava não sei da onde, pra vestir aquele biquíni.

[Caio] Você me falou de várias coisas que te dão medo. A catraca, a poltrona do avião, o aparelho de ginástica... eu queria entender qual o seu maior medo?

[Giovana] Morrer por causa da minha gordura. As pessoas olham pra você e já tacham: Gorda. até médico faz isso.

[Giovana] Por que a minha aparência importa tanto para as pessoas?

[Caio] Porque a opinião das pessoas sobre a sua aparência importa tanto pra você? Você tá falando de rótulos, estereótipos...Giovana, você me disse que é uma excelente vendedora. O que que faz você se destacar? Que... que habilidades são essas que fazem você ser tão boa assim em convencer alguém e ser a melhor vendedora?

[Giovana] Um dom? Não sei te explicar.

[Caio] Você percebe que coloca o seu corpo como um ponto de referência? Só que você não é só isso. O que mais a Giovana tem?

[Giovana] Eu sei ler as pessoas.

[Giovana] Eu consigo enxergar além das necessidades que elas pensam que elas têm. Eu faço os meus clientes descobrirem que eles desejam, mas às vezes é uma coisa que... que eles nem sabem, na verdade. Por que não é só a casa, né? Nem só o carro. Claro que tem uma necessidade de ter um lugar para morar, formas de se locomover, mas é além disso. Tem uma a coisa ali que a pessoa quer satisfazer. Eu sei ver isso.

[Caio] Você percebeu o que você acabou de dizer? Que todo mundo precisa de um lugar para morar, um meio de se locomover, se alimentar, mas tem uma falta que vai além e você enxerga isso? Porque é mais que o carro, é mais que a casa, é mais que a comida, mas a sua questão não é no estômago, e você sabe disso porque já fez uma cirurgia. Curioso, porque você fala de conseguir entrar e sair de um carro, entrar e sair de uma casa, quase como se fosse um jogo de se esconder e se revelar. Me parece que você não gosta de ser o foco, mas, ao mesmo tempo, você deseja isso. E no meio de tudo isso, você também gostaria de ser...invisível?

[Giovana] E por que que eu faço isso, Caio?

[Caio] Por que você acha que faz isso, Giovana?

[Giovana]Eu me escondo. Eu estou me escondendo, eu sei disso.

[Giovana] Porque eu sei que eu não aguento mais morar com meus pais. Antes de eu chegar aqui, eles já estavam me enchendo de mensagem pra saber que horas que eu ia voltar. Pra pai e mãe a gente nunca cresce, né? Parece que eu voltei a ser criança.

[Caio] Mas você falou que ser criança era uma coisa muito boa. Você não disse que foi uma época bonita na sua vida... não é?

[Caio] Tudo bem?

[Giovana] Tudo bem.

[Caio] A gente fala mais disso semana que vem.

## SESSÃO 2

[Giovana] Ele nem trabalha aqui perto, nem mora...realmente, eu não sei o que que ele tá fazendo por aqui.

[Caio] Desculpa, quem?

[Giovana] Meu marido, meu ex marido. Esbarrei com ele aqui na porta. Falou que estava feliz em me ver. Só que eu conheço muito o Alê, então eu consigo saber exatamente o que que ele estava pensando na hora que ele me viu...que eu não tenho comprometimento com nada. [Riso curto] Eu aposto, que uma hora dessa, ele tá lá agradecendo por ter se livrado de mim, né?

[Caio] Ele poderia tá, realmente, feliz em te ver, não?

Pelo o que você tá contando, foi isso que ele falou.

[Caio] Me conta um pouco de vocês. Da relação, como vocês se conheceram.

[Giovana] Tá com tempo?

[Caio] [Riso curto]

[Giovana] A gente se conheceu na faculdade. O Alê me adorava, ele dizia que gostava desse meu jeito bem-humorada, sorridente, “CDF” também. Tanto é que, quando tinha trabalho em grupo a primeira coisa que ele fazia era pegar a cadeira e arrastar para sentar do meu lado, pra gente fazer junto. Aí num...num churrasco... se declarou. Só que eu fiquei meio desconfiada quando ele disse que ele gostava de mim. Os caras vão lá, se enchem de bebida e pegam pessoas como eu. O cara vai te ganhando ali, no papo..., mas, de repente, some com você da festa. Vai para um canto assim, bem distante, onde ninguém consegue ver...

[Silêncio]

[Caio] Me fala um pouco mais do Alexandre.

[Giovana] Você gosta de ir nos mínimos detalhes, né?

[Caio] [Riso curto] [Silêncio]

[Giovana] Quando a gente se beijou, a gente ficou um tempinho afastado ali de todo mundo, né, mas normal também. De repente, ele pegou a minha mão, ele foi de mãos dadas comigo... no meio da festa, assim, na frente todo mundo, sabe? Não teve nada de de ficar escondido ou então de me enfiar dentro de um carro, sei lá, me chamar pra casa dele, que era onde ninguém ia ver, nada disso..., mas eu também não era tão gordo assim.

[Silêncio]

[Caio] Você acha que se tivesse com alguns quilos a mais, ele ia fazer diferente?

[Caio] Olha, se você não me contar o que tá acontecendo, eu não posso te ajudar.

[Silêncio]

[Giovana] Eu não consigo fazer dieta, Caio. Quando ninguém tá me olhando... [suspiro]

[Silêncio]

[Giovana] Eu como.

[Giovana] É uma compulsão.

[Silêncio]

[Giovana] Eu como mesmo sem vontade nenhuma de comer.

[Suspiro] Minha mãe desconfia, ela vasculha quando eu não estou em casa. Eu sei disso, porque eu vejo minhas coisas meio remexidas.

[Giovana] Meu pai, ele também sabe, só que diferente dela, ele... ele finge que ele não tá vendo. Às vezes, à noite, eu assalto a geladeira.

Só que aí, antes de todo mundo acordar, eu vou no mercado, que é para poder repor e ninguém perceber. Ou então, eu espero os meus pais dormirem, eu peço um delivery.

Mas aí depois de novo...no meio da madrugada, eu deço com o lixo.

[Choro]

Eu não quero que os meus pais vejam que tem as embalagens de comida lá, sabe?

[Respiração profunda]

Eu preciso emagrecer de novo. Eu sei disso, só que eu não consigo.

[Choro] [Silêncio]

[Caio] Quando você emagreceu... O que que mudou na sua vida? Me conta um pouco.

[Giovana] [Fungar de nariz]

[Suspiro] Quando eu emagreci pra casar, [Fungar de nariz] Antes da bariátrica...Eu recebia mais “parabéns” por isso do que pelo meu casamento. As pessoas não querem nem saber porque que você perdeu peso. Você pode ter ficado doente, internado, [Fungar de nariz] porque no fundo... no fundo, as pessoas dizem pra gente, né? Que...Tão preocupadas com a nossa saúde, que é pra gente se cuidar... Só que isso não é verdade... A questão é que se você tiver magra, tá tudo bem. Pouco importa a sua saúde.

[Giovana] Tudo um bando de gente hipócrita, né?

[Caio] Eu concordo. Mas, Giovana, a gente...a gente não pode esquecer que, no seu caso... A sua saúde deve ficar em primeiro plano.

[Giovanna] [Riso curto] Eu vou falar uma coisa que, pode até parecer besteira... Mas eu adorava cruzar as pernas. Eu sempre quis cruzar as pernas.

[Riso curto] Só que quando eu consegui... eu ficava o tempo inteiro de perna cruzada.

Nossa, era uma maluquice. Chegava a formigar as minhas pernas, sabe? Parecia que ia dar... Gangrena. [Riso] aí, eu e o Alê, a gente começou a namorar. E, na nossa noite de formatura, ele me pediu em casamento. [Riso curto] Caio, eu sempre sonhei...em ter um casamento desses tradicionais, sabe? Com tudo mesmo. Daminha, pajem, véu, grinalda.

[Silêncio]

[Giovana] Eu casei bonita.

[Caio] Você consegue se lembrar a razão desse descontrole? Tinha alguma coisa nessa época que estava acontecendo, que te deixava...ansiosa, preocupada?

[Caio] E a bariátrica? Você era casada, quando fez a cirurgia, não era?

[Giovana] O Alexandre era super contra, inclusive. A questão é que não durou muito, né? Dois anos só... Quanto mais eu aumentava, mais as nossas brigas aumentavam.

[Caio] Giovana, antes da cirurgia, ele... Ele implicava com o que você comia, com o seu peso?

[Giovana] Na verdade, o Alê, ele só queria que eu me cuidasse, sabe? Ele queria que eu tivesse uma vida mais saudável, prestasse mais atenção no que eu estava comendo. O grande problema é que, quando a gente se separou, eu voltei a morar com os meus pais. Isso aconteceu exatamente quando começou a pandemia. Depois disso a gente nunca mais tinha se visto.

[Respiração]

[Giovana] Quando eu emagreci, depois da cirurgia, eu saía com o Alexandre eu não via mais aqueles... Aqueles olhares das pessoas se perguntando: “o que que ele tá fazendo com ela?” Porque, as pessoas, acham que é um desperdício, um cara magro tá com uma mulher gorda. Porque que chegam e dizem para você: “ah é só emagrecer”, “fecha a boca que emagrece”, como se fosse uma coisa simples, né? Quem é que vai chegar para um... sei lá, pra um alcoólatra, pra um fumante, e vai falar isso para pessoa.

[Caio] Então para você a comida é um vício, uma... Uma dependência, é isso?

[Giovana] Eu me sinto meio suja. Eu sempre tomo um banho depois dessas crises.

[Caio] [Suspiro] Bem um... Um alcoólatra. Um fumante, eles podem ser radicais, né? Cortar... cortar a bebida, cortar o cigarro, por mais que seja difícil. Agora, a comida é essencial. Não dá pra cortar, você tem que aprender a ter uma nova postura diante dela, ressignificar o que ela representa.

[Caio] E pra isso, você tem que descobrir o que ela representa. Você me entende?

[Giovana] Eu não posso morrer antes de ter vivido, tem muita coisa que eu ainda quero fazer. [Suspiro] Eu tenho uma lista de coisas que eu escrevi pra fazer quando eu emagrecer.

[Giovana] Uma parte de mim adorou a quarentena, não ter que sair de casa, não ser vista.

[Giovana] Eu não era mais a única que... Que não viajava, que não postava foto. E não é só isso, não é a questão de não sair de casa. É até a coragem pra me olhar no espelho. Hoje, aqui na portaria, eu me olhei de corpo inteiro no espelho. Eu queria enxergar o que que o Alexandre tinha visto.

[Suspiro]

Eu não me separei porque eu não gostava mais dele, na verdade eu nunca deixei de gostar dele.

[Caio] Então quem terminou o casamento foi você?

[Caio] Eu não sei Giovana, só sei que no fundo você devia tá sofrendo muito, e de alguma forma você sabia o que estava acontecendo. Mas assim como você faz com a comida, você não conseguiu parar.

[Giovana] Acho que eu me boicoto.

[Caio] Ninguém se boicota por prazer. É uma coisa que acontece se a pessoa não se dá conta. Eu acho que o casamento com Alexandre podia ser o começo de uma nova fase, que você não estava pronta pra enfrentar.

[Suspiro] Eu não sei ainda. Mas eu vejo que você atribui ao seu peso a responsabilidade de muita coisa. Sua separação, os sonhos que você não realiza, as pessoas gostarem de você ou não.

[Giovana] E a última coisa que ele me falou, é que ele não podia amar alguém que não se amava.

[Giovana] Eu desperdicei isso.

[Caio] Desde a nossa última sessão você fala de desperdício. O que que é esse desperdício para você?

[Giovana] [Suspiro]

[Giovana] Eu ganhei uma comissão boa, aí eu comprei um perfume caríssimo. Nossa, muito caro. Mas a questão não é nem tanto valor é porque ele é uma delícia mesmo. Mas chega a ser ridículo porque é muito pequeno, muito. Mas aí é aquilo que dizem né. Os melhores perfumes vêm nos menores frascos.

[Riso]

Meu Deus. [Riso] A gorda fazendo piada gordofóbica.

[Riso] Aí, eu só erro, mas eu só sei que eu não usei o perfume.

[Caio] E por que que você não usou?

[Giovana] Eu acho um desperdício né. Gastar uma coisa dessa maravilhosa em mim.

[Giovana] Quero que você me ajude, por favor.

[Suspiro]

Liga pro meu médico, fala para ele que eu estou vindo aqui, que eu estou buscando ajuda.

[Caio] Eu posso conversar com seu médico, não... Não tem problema, mas é importante que você saiba, que se você tivesse vindo atrás do laudo pra te liberar pra nova cirurgia... tsc... Eu não te daria. É muito cedo, eu não sei sobre você o suficiente. Eu não posso decidir compactuar com um procedimento que envolve um processo, nossa, enorme. O processo é tão delicado quanto a cirurgia. A gente precisa conversar mais, ter mais seções. E você sabe disso, e é por isso que você tá aqui. Eu quero te propor um acordo. Toda vez que você sentir vontade de comer compulsivamente, não importa a hora, você vai me ligar.

[Suspiro] Mas tem uma coisa muito importante no nosso acordo, você não pode me ligar depois que já comeu. Tem que ser antes, quando você sentir vontade de comer e perceber que... Que não vai conseguir se controlar.

[Giovana] Não vou conseguir, vou ficar sem graça de te ligar.

[Giovana] Na madrugada é mais difícil ainda.

[Giovana] Me dá uma fome, eu me descontrolo Caio. Mas o que será essa fome?

[Caio] Que fome é essa Giovana? O que será que você tá comendo de verdade.

[Caio] Mas vamos lá até semana que vem.

[Giovana] Até semana que vem.

### **SESSÃO 3**

[Caio] E aí, Giovana, como é que tá? Tá super elegante, tem algum compromisso especial?

[Giovana] Você quer maior imã pra encontrar ex do que sair de casa horrorosa? Não, você viu na semana passada, quando eu encontrei o Alexandre, como é que eu estava.

[Caio] Olha, eu achei que você estava ótima.

[Giovana] Você sempre tem uma coisa bonita para dizer, né? Mas pra não dizer que eu não fiz nada de especial, uma amiga me convidou para um "Brunch". Aí eu cheguei lá, tinham várias amigas dela. Ai, mas eu agradei, porque pelo menos hoje eu acordei com Espírito de rica. Botei minha melhor roupa, maquiagem maravilhosa, cabelo, tudo certo. Pra variar, né? Eu era a maior de lá. Eu me senti mal desde a hora que eu cheguei. Eu sabia que não era para eu ter ido, desde a hora que ela me mandou mensagem.

[Caio] E por que que você acha que foi, então?

[Giovana] Ela me disse que tinha uma coisa muito importante pra me dizer. Era pra me convidar, e as outras amigas que estavam lá, pra gente ser madrinha dela de casamento.

[Caio] Hum... É um convite bonito, uma... Uma coisa especial. Mas eu estou achando você animada, contente com a ideia. Mas, ao mesmo tempo, um pouco confusa...Não?

[Giovana] Acho que é... Acho que é porque eu fiquei pensando que é bem provável que o Alexandre seja convidado também. Ele é muito amigo da Marcela, do noivo, então, nem se fala. Não, se bobear ele vai ser padrinho também. Eu nem falei nada lá na hora, porque estava na frente de todo mundo, mas eu não sei se eu vou aceitar, não.

[Caio] E por que que você não aceitaria?

[Giovana] A primeira coisa que eu penso é na roupa, né? Não, a Marcela ainda inventou que cada uma pode escolher o modelo de vestido que quiser. Isso até que é legal, né? Porque dá uma liberdade. [Riso curto] Só que vai ter que ser tudo com a mesma cor, laranja e roxo. Isso é o que? É casamento ou é festa de Halloween? Mas também tem outra questão, pra que que eu vou comprar um vestido que eu vou usar uma vez só? Não faz nem sentido. Eu cheguei lá, eu me senti completamente estranha. Porque aquelas mulheres muito magras e falando o tempo todo do mesmo assunto, porque elas só sabem falar disso: dieta, o tempo todo, dieta. [Riso Curto] Ainda piorou, né? Porque falaram que o Brunch era a despedida da comida gorda, que a partir de agora elas não iam mais comer gordice. Elas usaram exatamente essas expressões, "Comida gorda", "gordice". Aí falaram que vão cortar carboidrato, que vão começar a malhar todo dia, desesperadamente, puxar ferro. [Suspiro] Isso me incomoda demais, não sei dizer. Ter que ficar escutando aquele bando de mulher que sabe que é magra, mas que fica dizendo que tá enorme, falando isso no meu ouvido? Teve uma hora que eu... Sentei lá, excluída num canto, eu fiquei viajando, sabe? Pensando que hoje em dia se fala muito sobre aceitação, gordofobia, corpo livre, as mulheres também tão se aceitando mais, colocam fotos nas redes sociais que são fotos mais reais, mostrando seus corpos do jeito que eles são. A gente vê logo um monte de curtida, né? As pessoas vão colocando os elogios "Maravilhosa", "linda", "perfeita, nunca errou". Só fico me perguntando...será que essas curtidas, esses comentários, são porque realmente acha bonito? Ou será que é pela... Pela coragem de assumir o feio? Se eu conseguir alcançar a minha meta, eu vou.

[Caio] Giovana, dentro na questão da sua saúde, que a gente já falou aqui que não tá boa, você raciocina da seguinte forma: de acordo com você, por conta de não conseguir emagrecer, você saiu do seu emprego, você parou de acreditar que o seu marido gostava de você, voltou a morar com os pais. E está considerando não aceitar o convite pra ser madrinha da sua amiga de infância. Eu não consigo imaginar o que você passou a vida inteira, mas eu queria ouvir de você, o que você acha disso tudo que eu acabei de falar?

[Giovana] Quanto mais eu ganho peso, mais eu vou perdendo todo o resto.

[Caio] É, quando a gente se falou no telefone...

[Giovana] Não, Caio. Não. Nem começa com esse assunto. Você aqui falou um monte, sabe? Teu discurso falando que eu podia te ligar se eu precisasse, que podia ser a qualquer hora.

[Caio] Eu quero te pedir desculpas, mesmo, eu... coloquei o telefone no silencioso na hora de dormir...eu esqueci, completamente, e me sinto envergonhado por isso, mas eu tentei te retornar várias vezes. Você viu, né?



[Giovana] Caio, eu já te falei. De madrugada é que é mais difícil para mim por isso que eu disse que era melhor de contar depois exatamente nesses horários mais bizarros que eu não eu não consigo me controlar

[Caio] Você tem razão você tinha me avisado, não mas eu queria entender o que que aconteceu exatamente na noite em que você tentou me ligar?

[Giovana] Eu fiquei com muita vontade de comer. Aí eu pedi um delivery e avisei para o Jairo. Ele é o porteiro do prédio. Ele é meu cúmplice nessas minhas escorregadas na madrugada.

[Caio] E o que que você pediu?

[Giovana] Eu pedi em dois aplicativos. Em um eu pedi pizza. E no outro eu pedi essas besteiras de loja de conveniência. Chocolate, chips, açaí, biscoito.

[Caio] E você comeu tudo de uma vez?

[Giovana] Não. Não, quase tudo. Mas não comi tudo.

[Caio] E como é que você sentiu depois?

[Giovana] Péssima, tomei um banho e fui dormir. No dia seguinte, quando eu acordei, me bateu uma ressaca moral. Aí eu tomei uma atitude bem importante. Eu peguei uma sacola... coloquei tudo que estava escondido no meu quarto e joguei fora. Mas eu não joguei no lixo de casa. Minha mãe, ela tem essa mania, ela mexe até nas coisas que eu joga fora. Coloquei tudo numa caçamba que tem do outro lado da rua, para não correr risco.

[Caio] Risco de quê?

[Giovana] Eu já fiz isso.

[Giovana] Eu joguei comida fora pra não comer mais, mas eu me arrependi...Eu peguei do lixo e comi.

[Choro]

[Giovana] Me senti uma viciada.

[Giovana] Eu não quero mais ser essa pessoa, Caio.

[Giovana] Ser alguém que se dopa de remédio pra dormir. Pra praticamente ficar desmaiada... e não acordar no meio da noite pra comer.

[Caio] Você não quer ser mais essa pessoa e... e já começou. Você se livrou da comida.

Eu imagino como deve ter sido difícil pra você. E ainda tentou me ligar, eu não atendi, mas eu já pedi desculpas. Isso não vai mais acontecer.

Mas você tem que entender que durante o dia eu posso estar em atendimento, mas eu prometo que entre uma sessão e outra eu retorno. Mas o mais importante: você tem que tentar se controlar sozinha.

[Giovana] Por que que eu tenho tanta fome?  
Por que que eu sempre tenho tanta vontade de comer?

[Caio] Você percebe a diferença entre sentir fome e ter vontade de comer? São coisas bem diferentes.

[Giovana] A primeira mordida é um prazer. É uma delícia. Como se nada pudesse proporcionar um prazer maior. Só que depois, você nem sente o gosto. Eu pareço uma viciada mesmo.

[Caio] E o que que você acha que tá te faltando?

[Giovana] Eu já pensei nisso, o que que me falta? Mas eu não sei. Meu pai sempre foi um cozinheiro de mão-cheia. É como se eu fosse viciado em cocaína e ele fosse o traficante.

Eu já te falei, Caio, eu tenho uma ótima relação com meu pai. Eu amo meu pai. Mas eu fiquei pensando numa coisa. Ele me viu com aquela sacola enorme, cheio de coisa. Ele perguntou o que que eu estava indo fazer. Mas eu não menti. Eu falei que era um monte de comida e porcaria que eu não queria mais, que eu ia jogar fora. Dois dias depois, ele disse que tinha uma surpresa para mim no jantar. Ele colocou uma caixa de bombom na minha frente. Eu comi, mas só comi dois, porque eu não resisti. E aí, eu percebi... que o meu pai, ele nunca me incentivou a emagrecer.

Ele sabe que agora não é só uma questão de estética. Se eu continuar engordando, eu posso morrer. Eu estou diabética. E o meu pai colocou uma caixa de bombom na minha frente, como se fosse normal.

[Caio] O seu pai, ele sempre teve esse comportamento?

[Giovana] Já te falei, Caio, sempre foi assim. Só que antes eu achava legal. Achava que ele gostava de mim do jeito que eu era. Até porque, antigamente não se falava em aceitação do próprio corpo. Não conversava sobre essas coisas. Mas a minha história, ela é muito dolorosa. Eu sempre sofri muito preconceito. Ódio mesmo, só que, no meu caso, em dose dupla. Por que além de gorda eu sou preta. Tem hater que faz sucesso na internet, falando mal de pessoas como eu.

[Caio] [Suspiro]

[Giovana] Lembrei de um filme que eu vi nesse final de semana. Era a história de um serial killer. Era um cara muito inteligente...sedutor.

Na hora do julgamento, ele se representava no tribunal. Ele era advogado dele mesmo, sabe?

Aí, na hora da sentença, que foi a pena de morte... Você tinha que ver o discurso do juiz. Ele falou que todos ali estavam presenciando o desperdício de uma vida humana, cheia de potencial, porque ele é um cara brilhante, só que, algum momento da vida, tinha escolhido um caminho mais obscuro... e que, infelizmente, ele ia ter que dar aquela sentença.

[Giovana] Mesmo cara matando com crueldade não sei quantas mulheres. Você via na cara do juiz que ele estava arrasado.

[Caio] Porque será que essa história mexeu tanto com você?

[Giovana] Lembrei do meu pai. O juiz me lembrou o meu pai. Aquele olhar de admiração. Meu pai me admira... quando eu estou me levando pro corredor da morte. Por que ele faz isso comigo, Caio?

[Caio] [Suspiro]

[Caio] O que me chama atenção é você falar que o seu pai te admira, quando você não se admira. E você não se admira quando come demais.

Você sente que está no corredor da morte. Comer demais te coloca nesse corredor.

[Caio] Giovana, tentar entender porque você faz isso... é mais importante do que entender porque o seu pai te admira nas horas erradas.

[Giovana] Eu não quero viver pra comer... Eu quero comer para viver...e só.

[Caio] Você diz que quer comer pra viver. Mas você consegue entender que tá fazendo justamente o oposto?

[Giovana] Eu preciso ir, Caio. Marquei com uma amiga no japonês.

## SESSÃO 4

[Giovana] Caio, eu fico tentando ser discreta e não falar nada. Tudo bem que ser discreta com um metro e oitenta e cento e tantos quilos, eu acho que é difícil, né? [Riso] Mas eu vou falar. Eu reparo muito no seu apartamento. É porque eu acho ele lindo. Sabe? Assim, aberto, arejado. Acho até que quando eu voltar a ter a minha casa, eu vou me inspirar bastante nele.

[Caio] Que bom.

[Giovana] Sua cozinha também é um espetáculo. Eu gosto muito de ver esses programas culinários, aí eu reparo muito na cozinha. Um dos que eu mais gosto é o "Que seja doce".

[Caio] Uhum

[Giovana] Acho que é porque eu sou uma formiguinha, adoro tudo que é doce.

[Caio] Eu também.

[Giovana] Mas eu só assisto esses programas, porque cozinhar mesmo, acho que nem um ovo mexido direito eu sei fazer. [Riso] E é doido, né, porque as pessoas acham que todo gordo sabe cozinhar. Caio, gordo sabe comer, né? Isso eu faço com maestria. Acho que eu tinha que assistir o programa da Bela Gil, sabia? É, porque... de repente, sei lá z troco a pizza da madrugada por uma lichia desidratada, quem sabe. Ah, você vai ficar orgulhoso de mim. O meu médico falou que sempre que eu puder eu tenho que dar uma caminhada, aí hoje eu resolvo descer uns quarteirões antes e vim caminhando até aqui o consultório. Te falar que me fez super bem, tá? Acho até que eu vou transformar num hábito.

[Caio] Que bom, que bom. E... do que que você quer falar hoje?

[Giovana] Meu pai... ele é muito bom na cozinha. Ele faz as comidas que eu mais amo. Ele faz lasanha, canelone, batata frita, torresmo, e o pior é que... ele não coloca manteiga na comida, né? É a comida na manteiga. Eu achei que eu podia contar pelo menos com o meu pai.

[Caio] E você falou isso pro seu pai? Contou do seu incômodo?

[Giovana] Antes, quando... quando ele chegava em casa...pra mim era a hora mais feliz do dia. Só que agora eu fico meio incomodada, quando ele chega eu invento logo uma desculpa pra me trancar no quarto. Mas é péssimo, porque... porque com a minha mãe nunca tive muita afinidade. Mas com o meu pai... A gente sempre foi aquele estilo dupla imbatível. A gente nunca precisou forçar a barra, sabe? A gente era amigo mesmo, de verdade.

[Caio] É, eu teu perguntei na sessão passada se você tinha alguma ideia do porquê desse comportamento dele. Você chegou a pensar sobre isso?

[Silêncio]

[Giovana] Eu acho que... a comida é... não sei, parece que representa amor. Ainda mais na minha família.

[Silêncio]

[Giovana] Eu lembro tanto da minha vó... dos almoços de domingo. Ela gostava muito de fazer pavê pra mim. A minha sobremesa predileta, até hoje. Nossa...[Riso] se eu chegasse na casa dela e...e eu dissesse que eu estava sem fome ou, então, que eu estava de dieta, era melhor que eu tivesse confessado um crime. Ela ficava ofendidíssima, imagina! Agora...Se a gente colocasse um prato cheio e repetisse, ah... aí era um deleite, ela ficava muito feliz. Isso é amor, né? Eu achava que... que o meu pai era igual a ela.

[Silêncio]

[Giovana] Mas não...com ele é diferente.

[Caio] Diferente... diferente como?

[Giovana] Anteontem depois que eu terminei de jantar, a travessa ainda estava cheia de comida. Ele colocou metade no prato dele, e a outra metade, ele colocou toda no meu prato.

[Silêncio]

[Giovana] Mas aí eu me alterei, de verdade. Só que eu nunca tinha levantado a voz pro meu pai, nunca.

[Caio] E como é que ele reagiu?

[Giovana] Foi o maior quebra-pau.

[Silêncio]

[Giovana] Eu te falei que eu ajudava meu pai na autopeças. A primeira que ele abriu foi lá no Rio ainda, eu adorava ir pra lá. Só que, de repente, ele começou a implicar com tudo que eu fazia, qualquer coisa que eu falasse estava errado, sabe? E aí ele me xingava, mas me xingava... na frente dos funcionários, dos clientes, qualquer um, sem cerimônia nenhuma.

[Caio] E como é que eram essas críticas, esses xingamentos?

[Giovana] Ele me chamava de... burra, de lerda. Foi mais ou menos na época que a gente veio aqui pra São Paulo. E aí ele...ele começou a implicar até com a forma como eu falava com os clientes, disse que eu era simpática demais.

[Suspiro] Só que eu não tinha mudado em nada! Antes, ele até achava legal, dizia que eu tinha puxado o charme dele. Só que, de repente, ele começou a implicar com absolutamente tudo, até a roupa que eu vestia, ele implicava.

[Giovana] Quando eu chegava pra trabalhar, se fosse um dia mais quente, eu ia, obviamente, com umas roupas mais frescas, sabe? Ele olhava e dizia que aquilo não era roupa, mandava eu voltar em casa e me cobrir direito. Só que o pior é que ele ainda ia no ouvido da minha mãe e falava pra ela que... que eu estava muito assanhada, muito oferecida. Chegou uma hora que eu... eu já estava usando aqueles... sabe aqueles macacões de frentista de posto? Porque, de repente, assim, ele me deixava em paz.

[Caio] E ele teve esse tipo de comportamento com você até que idade, mais ou menos?

[Giovana] Acho que até uns... 17,18 anos, antes ali de eu entrar na faculdade.

[Suspiro] Ele começou a pegar mais leve porque eu já estava mais pesada também, né? Aí não tinha mais motivo pra ele implicar com a roupa que eu vestia. Eu entendo um pouco ele... tinha muito homem na loja e eu não tinha maldade nenhuma. Eu era meio criada como filho homem.

[Caio] Criada como filho homem?

[Giovana] Meu pai, ele só queria me proteger. Mas ele podia ser mais cuidadoso, porque eu não tinha culpa de nada daquilo.

[Caio] E quando você começou a perceber esses... esses olhares diferentes desses homens que iam na loja?

[Giovana] Eu achava que tinha uns 12,13 anos. Foi mais ou menos na época que eu comecei... a paquerar os meninos da escola. Mas eu não sei se eu, percebi sozinha ou se foi porque meu pai começou a implicar. Mas eu achava bem ruim. Aqueles caras me olhando como se fosse... me comer com os olhos. Os xingamentos acabavam comigo. Foi uma época horrível. Eu comecei a detestar ir pra lá.

[Caio] Uhum, e nessa época, o comportamento do seu pai era assim o tempo inteiro?

[Giovana] Não, não, fora da loja ele era incrível. Ele voltava a ser o pai que ele sempre foi. Depois que eu engordei, ele parou de me ofender. Mas ele nunca encostou a mão em mim tá Caio? Nunca. Não tinha nada de agressão física, eram só os xingamentos mesmo.

[Caio] E você não acha, que isso era um tipo de violência?

[Silêncio]

[Giovana] Eu acho que seria melhor se ele tivesse me batido. Dor de chinelo passa. Mas as ofensas, os xingamentos, me machucam até hoje.

[Giovana] Para manter o meu pai mais carinhoso comigo. Pra acabar com os xingamentos...com as ofensas... eu fui comendo.

[Caio] Comendo ou obedecendo o seu pai?

[Giovana] Eu acho que é isso que eu faço. Ele mandava eu me cobrir. Eu acho que é isso que eu faço até hoje. Eu uso a comida pra me cobrir. Pra me esconder.

[Silêncio]

[Giovana] Nossa, eu estou exausta. Você lembra do filme que eu te falei, do serial killer?

[Caio] Uhum.

[Giovana] Eu já assisti tudo sobre essa história. Mas eu não sei se você lembra da parte que eu falei do juiz, que ele elogiava o cara falando que era um talento desperdiçado.

[Caio] Lembro, ele admirava e ao mesmo tempo tinha que dar a sentença de morte.

[Giovana] Exatamente. E aí eu vi, que tudo que o juiz falou ali no filme aconteceu de verdade, tem na internet. Só que eu fiquei mais impressionado porque... porque tinham muitas mulheres que estavam interessadas em conhecer esse cara pessoalmente. Como é que você vai num julgamento, assiste lá num tribunal, e fica torcendo por esse cara? E ao mesmo tempo o juiz, ele elogiou o cara publicamente. Eu não acho que era o fato dele ser inteligente, carismático que fez com que ele tivesse essa fome toda. Ok, ele era tudo isso. Mas ele também era muito bonito, e magro. Todo mundo acha estranho uma pessoa bonita ser capaz de fazer coisas horríveis. A beleza é uma coisa poderosa né.

[Giovana] Faz todo mundo esquecer até assassinato.

[Caio] Então você acha que quem é considerado bonito pode fazer o que quiser?

[Giovana] Se você reparar Caio, até pai e mãe preferem o filho mais bonito. Puxa aí na sua memória, que você vai lembrar de casos assim. Eu pelo menos dou graças a Deus eu sou filha única né. Esse trauma, pelo menos, eu não vou ter na minha vida.

[Giovana] Você tem irmãos, Caio?

[Caio] Eu tenho uma irmã.

Giovana, por que você acha que essa história te deixou tão intrigada?

[Giovana] Ainda tem a namorada desse cara. Deve ser horrível, você perceber que o cara que você ama, que você convive, que você planejou uma vida inteira com ele, e ele não é nada daquilo que você imaginava.

[Caio] Então você acha que você se identificou com ela? Com isso de achar que você conhece alguém, depois descobrir que a pessoa não era exatamente quem você pensava que era? Eu me lembro que sessão passada você disse que o juiz lembrava muito o seu pai.

[Giovana] Talvez eu me identifique com o assassino. Eu sou a assassina de uma única vítima. A vida toda tentando emagrecer, ser saudável. E quando eu consegui o que eu queria, e eu já consegui. Aí eu joguei tudo fora.

[Caio] Olha, eu não sei se eu concordo muito com a parte de que, quando você emagreceu, você... você conseguiu o que você queria.

[Silêncio]

[Caio] Você não quer as ofensas, os xingamentos. Você quer o elogio, mas você quer o elogio em público. Como o juiz, com essa cena no tribunal.

[Giovana] [Riso curto]

[Caio] Você me disse que quando consegui falar pro seu pai tudo que sentia, todo o seu incômodo, você se sentiu uma outra pessoa. Eu acho que você impôs os limites e abriu os seus sentimentos, e isso... isso não é deixar de ser você. É exatamente ao contrário.

[Giovana] Eu acho que ninguém sabe nada de ninguém. Porque você não é linha dura como me falaram não.

[Caio] [Riso curto]

E isso é... bom ou ruim?

[Giovana] É tipo né...

[Suspiro] Eu acho que eu quero aproveitar essa disposição que eu estou hoje, que eu vim até de tênis, pra dar uma caminhada, mas eu vou caminhar no shopping. Vou... sei lá. De repente, eu até procuro o vestido do casamento. Vamos ver, né? O que que a Marcela vai escolher dessas cores maravilhosas, laranja ou roxo. Vai que eu acho lá.

[Caio] Ah, então você decidiu aceitar o convite? Que ótimo.

[Giovana] Aceitar, eu aceitei. Agora, se eu vou no dia do casamento, aí são outros 500, tá? E também é bom eu dar uma passadinha no shopping, porque eu ainda não estou com fome, sabe? Pra ir no Japonês. Aí, eu vou fazendo hora e depois eu passo lá.

[Caio] Você me conta que o seu pai é um craque na cozinha, né? Ele tem alguma especialidade?

[Giovana] Eu acho que o meu pai, ele podia até ser chef profissional, sabia? Que ele cozinha muito bem, mas a especialidade dele mesmo é comida italiana. Mas tem outras coisas que ele faz bem também, até comida francesa ele faz, tá? Mas nasceu no Méier, né? [Riso]

[Caio] Mas comida Japonesa ele não faz.

[Silêncio]

[Caio] Vamos lá.